cmp 2.2.3.484

A morte de Carlos Lacerda

Jornalismo e política, as duas paixões

GETULIO BITTENCOURT

Aos 15 anos, Carlos Frederico Werneck de Lacerda estreou como jornalista, redigindo um jornal manuscrito, "O Forquilhense", na fazenda Forquilha. Um ano depois, passou a redigir a coluna estudantil do "Diário de Notícias", no Rio, como ajudante de Cecília Meirelles, e depois trabalhou sucessivamente no "Diário Carioca", "O Jornal", Agência Meridional, "Observador Econômico e Financeiro" e "Correio da Manhã".

Vinte anos depois do jornal manuscrito, a 22 de fevereiro de 1945, foi publicada no "Correio da Manhã" a entrevista histórica que o consagrou, "Declarações do Sr. José Américo", em que pela primeira vez se furou a censura do Estado Novo exercida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Em seu livro de memórias, José Américo de Almeida descreve assim o encontro com Lacerda:

"Até que, uma noitinha, foi Carlos Lacerda visitar-me. Palavra vai, palavra vem, concluiu que eu estava em condições de falar e pediu uma entrevista para o "Diário Carioca". Prometi. Viesse depois. Veio e, se ditei com segurança o que me vinha à cabeça, foi melhor a apresentação. Mas, avaliando o que viria se enfrentasse o DIP, esse jornal não pôde publicá-la. Ocorreu-me, então, a idéia de uma divulgação simultânea em vários jornais, raciocinando que seria fácil fechar um, mas não a Imprensa. No princípio houve boa vontade da parte de nada menos de cinco dos mais importantes. Alguma coisa transpirou. Benjamin Vargas já deblaterava contra mim, jurando represálias. Levou-se tempo. Não se obtendo a publicação conjunta, ficou tudo suspenso. Enfim, certo dia, ao pegar o "Correio da Manhã", depois do café, lá estava eu, de corpo inteiro, fazendo minhas declarações".

Essa entrevista foi ressuscitada em 1973 numa coletânea publicada pelas edições Bloch, "Reportagens que abalaram o Brasil": o texto é quase todo dedicado às palavras do entrevistado, com raras interferências de Lacerda para descrever o ambiente. E José Américo, sem fazer ataques pessoais, critica a incompetência do governo para controlar o custo de vida, a violenta redução na produção do café, a falta de renovação do parque industrial, a candidatura de Getúlio Vargas à presidência, o racionamento do açúcar, a crise de abastecimento, o desaparelhamento do Estado e a burocracia que impedia a aplicação da legislação trabalhista.

"Nunca derrubei ninguém"

Quando governador da Guanabara, em 1965, Lacerda encerrou um Curso de Jornalismo promovido pela "Folha" em Marília e disse que o "principal defeito da imprensa brasileira — não só a nossa, mas também a mundial — é que ela está presa, muitas vezes, aos interesses dos donos de jornais, às vezes estranhos à finalidade do órgão". E acrescentou:

"*O que se conhece como noticiário político é uma espécie de ópio do povo. É uma rinha de galos* em que se põem os políticos a brigar uns com os outros e se diminui o papel do cronista político. Na realidade, a política acaba sendo a vitrina para os incapazes, para os superados, para os fantasmas que não têm nada a dizer, os que não têm idéias".

O próprio Lacerda foi cronista político no "Correio da Manhã", onde assinou a coluna "Tribuna da Imprensa" até 1949, quando fundou o jornal com o mesmo nome de sua coluna e que dirigiu até a véspera de sua posse como governador da Guanabara, em 1961. Seu estilo extremamente agressivo lhe deu a fama de derrubador de presidentes (Getúlio Vargas em 1954, João Goulart em 1964), que ele refutou em 1965:

"Eu nunca derrubei presidente que não tivesse derrubado a si mesmo. Nunca tomei a iniciativa de derrubar ninguém. Na realidade, mostrei os fatos, e se os fatos contribuiram para a queda de alguns, a culpa não é minha, é dos fatos e de alguns".

A 30 de março de 1935, então um jovem estudante, Lacerda participou do lançamento da Aliança Nacional Libertadora, uma organização antifascista. Em seu livro "1935: A Revolta Vermelha", Hélio Silva narra a estréia de Lacerda na vida pública:

"A lista de oradores mencionava diversos nomes, um estudante e um operário. O estudante escolhido foi Carlos Lacerda, que fez, nessa noite, a sua estréia política. Quando ia falar, o capitão Costa Leite chegou-se a ele e sugeriu o lançamento do nome de Luís Carlos Prestes para a presidência de honra da nova agremiação. O Cavaleiro da Esperança era um herói popular. Seu nome foi aclamado por uma multidão entusiástica".

Em diversas entrevistas, especialmente depois de 1964, Lacerda negou que tivesse integrado o Partido Comunista Brasileiro, embora admita que tenha pedido sua inscrição. Com a redemocratização do Brasil em 1945 ele entrou para a União Democrática Nacional (UDN), mas, antes, participou do movimento pela queda do Estado Novo.

Juntamente com Astrogildo Pereira, Caio Prado Júnior, José Augusto e Hermes Lima, redigiu a Declaração de Princípios do I Congresso Brasileiro de Escritores, que foi lida a 27 de janeiro de 1945 pelo ex-deputado José Eduardo do Prado Kelly, no Teatro Municipal de São Paulo, e que propunha:

"Primeiro — A legalidade democrática como garantia da completa liberdade de expressão do pensamento, da liberdade de culto, da segurança contra o temor da violência e do direito a uma existência digna;

"Segundo — O sistema de governo eleito pelo povo mediante sufrágio universal, direto e secreto;

"Terceiro — Só o pleno exercício da soberania popular, em todas as Nações, torna possível a paz e a cooperação internacionais, assim como a independência econômica dos povos;

"Conclusão — O Congresso considera urgente a necessidade de ajustar-se a organização política do Brasil aos princípios aqui enunciados, que são aqueles pelos quais se batem as Forças Armadas do Brasil e das Nações Unidas".

Nas eleições presidenciais de 1945, Lacerda combateu duramente o candidato do PCB, Iedo Fiúza. Ele escreveu três artigos sobre o candidato comunista, chamando-o de "Rato Fiúza" e acusando-o de corrupção, conseguindo abalar a credibilidade de Iedo.

Um rosto que envelheceu influindo nos destinos do País

1948. Vereador do Distrito Federal, renuncia ao mandato mas permanece em combate...

... para em 1954, conduzir a vitoriosa campanha que levou Getúlio Vargas ao suicídio e a uma violenta crise institucional, que lhe oferecia, novamente...

... em 1955, um novo inimigo: o candidato e depois presidente Juscelino Kubitschek.

Em 1960, era a vez de lutar contra a candidatura do Marechal Teixeira Lott...

... e em 1962, depois de vencer a governança do Estado da Guanabara...

Passar a articular, em 1963, o Movimento de Março de 64, do qual sairia como chefe...

civil vitorioso, aspirante à Presidencia da República pela extinta UDN, em 1964

Em 1965, o afastamento e as críticas a Castelo Branco, as primeiras decepções...

... que o levariam, em 1968, à Frente Ampla e, no final, à perda dos direitos.

1972 o encontra como empresário interessado em política, editor e escritor...

... interessado em novos temas e autografando o seu livro de memórias em SP.

Como vereador à Câmara do então Distrito Federal, teve a companhia de parlamentares como João Alberto, Alencastro Guimarães, Aparício Torelli e Agildo Barata. No entanto, por divergência partidária, acabou renunciando ao mandato.

Lacerda acompanhou a volta de Getúlio Vargas ao poder (o ex-ditador venceu Eduardo Gomes e Cristiano Machado nas eleições presidenciais de 1950) como jornalista, liderando parte da oposição civil e militar ao presidente.

Em junho de 1953, Vargas escolheu seu amigo João Goulart para assumir o Ministério do Trabalho. Goulart propôs um aumento do salário mínimo que provocou o temor de que Vargas repetisse no Brasil o esquema de sustentação sindical criado por Juan Domingo Péron na Argentina. Então Carlos Lacerda recebeu de um jovem repórter a "Carta Brandi", que comprovaria as ligações de Vargas e Goulart com Péron, e que levou a "Tribuna da Imprensa" a uma longa série de ataques ao governo. Após rumoroso processo, contudo, comprovou-se que a "Carta Brandi" era falsa.

Um manifesto de 82 coronéis criticando as greves de trabalhadores e a inflação agravou a situação do governo, pois o ministro da Guerra, general Espírito Santo Cardoso, apoiou os coronéis. Vargas afastou o ministro, mas a crise do gabinete só se solucionou meses depois, a 22 de fevereiro de 1954, quando o presidente nomeou o general Zenóbio da Costa ministro da Guerra e aceitou a demissão de João Goulart.

O atentado de Toneleros

Lacerda encontrou ouvidos para sua pregação antigetulista junto a oficiais da Aeronáutica, particularmente, e se dirigia a sua casa, em companhia do major Rubens Florentino Vaz, quando aconteceu o "atentado da rua Toneleros", a 5 de agosto de 1954. O major Vaz foi morto e Lacerda ferido no pé.

A demora na identificação dos autores do atentado aumentou a tensão reinante e a Aeronátucia decidiu, à revelia do governo, instaurar um inquérito policial-militar na Base Aérea do Galeão. As investigações que se seguiram apontaram a participarão do próprio chefe da guarda pessoal de Vargas, Gregório Fortunato, no crime.

Sem o conhecimento do presidente, Fortunato tentava eliminar um crítico feroz e incômodo. O inquérito policial-militar prosseguiu e desvendou o que a imprensa chamou de "mar de lama", acusações de corrupção generalizada sobre membros do governo. Os militares aumentaram a pressão sobre Vargas e, a 23 de agosto, trinta generais lançaram um manifesto exigindo a renúncia do presidente. No dia seguinte, aos 71 anos de idade, Vargas escreveu uma carta-testamento em que dizia: "E saio da vida para entrar na História". Suicidou-se com um tiro no coração.

Nas eleições de 1954, Lacerda candidata-se a deputado federal pela UDN e foi o mais votado no Distrito Federal (teve cerca de 140 mil votos contra 100 mil do segundo colocado, Lutero Vargas, do PTB).

A UDN pretendia lançar o pernambucano Etelvino Lins como candidato à presidência da República em 1955, para enfrentar Juscelino Kubitschek, do PSD, mas Lacerda fulminou essa candidatura com um artigo. Juarez Távora surgiu então como candidato, com o apoio do governador de São Paulo e político em ascensão, Jânio Quadros. Lacerda demorou dois meses para apoiar o marechal Távora; quando o fez, foi recebido "de braços abertos".

Quando Jânio foi lançado candidato também pela UDN na sucessão de Juscelino, Lacerda foi quem o recebeu em nome da bancada na Câmara Federal, no Rio.

Antes, em 1958, ele fortaleceu sua base política no Rio, conseguindo eleger senador da República o seu candidato Afonso Arinos de Mello Franco, que disputou contra Lutero Vargas, João Mangabeira, Mozart Lago e Alencastro Guimarães. Dois anos depois ele era sem dúvida a principal força eleitoral no Estado, como mostra Francisco Pedro do Couto em seu livro "O Voto e o Povo":

"As eleições de 1960 marcam o início do processo de polarização ideológica do eleitorado da Guanabara em termos de Lacerda e antilacerda, pois pela primeira vez a posição de Lacerda estava diretamente em jogo num pleito majoritário."

Ele se elegeu governador da Guanabara com 357 mil votos, contra 333 mil do segundo colocado, Sérgio Magalhães, do PTB, vitória que Pedro do Couto atribui à divisão dos votos proletários entre o candidato trabalhista e o populista Tenório Cavalcanti (222 mil votos). Na eleição de 1962 para o Senado e a Câmara Federal, porém, a UDN lacerdista foi derrotada pela coligação PTB-PSD, apesar de vencer a eleição para a Assembléia Legislativa.

Como governador, Lacerda se destacou no combate a João Goulart, que assumiu a presidência em 1961 após a renúncia de Jânio Quadros e apesar da oposição ostensiva dos ministros militares. No início de 1963, ele foi um dos nove governadores a asinar um manifesto em que resolvem:

"Estabelecer entre si um entendimento com os objetivos discriminados nos considerandos anteriores, visando a uma ação comum e uniforme, em plano elevado e independentemente de filiação partidária, de modo a sempre poderem colaborar para a sustentação e aprimoramento do regime democrático, para cujo fim reunir-se-ão quando qualquer deles convocar os demais, na Capital do Estado governado por aquele dos signatários que tomar a iniciativa da convocação".

Em busca da Presidência

Em seu livro "1964: Golpe ou Contragolpe?", Hélio Silva diz que "na Guanabara havia uma situação singular. Se o governador Carlos Lacerda se constituira no mais poderoso ariete verbal contra Jango, os seus notórios antecedentes, a derrubada de dois presidentes — Getúlio Vargas e Jânio Quadros — focalizavam demasiado a sua figura, tornando-o indesejável ao segredo de qualquer conspiração. Por isso, o governador Carlos Lacerda não toma parte, pessoalmente, nas articulações finais de que terá conhecimento poucas horas antes do desfecho".

O historiador assinala que Lacerda praticamente não participou da conspiração militar e civil que culminou com a derrubada de João Goulart a 31 de março de 1964. Ambos trocaram ásperas cartas pela "Tribuna da Imprensa", com Lacerda acusando Hélio Silva de não saber escrever História.

O "brazilianist" Jordan M. Young, que dá especial destaque a Lacerda em seu livro "Brasil, 1954-1964: Fim de um Ciclo Civil", afirma que houve uma tentativa de sequestro de Lacerda a 4 de outubro de 1963, comandada pelo general Alfredo Pinheiro, que ordenou aos tenentes-coronéis Abelardo Mafra e Cavalcanti que "interceptassem Lacerda enquanto ele inspecionava uma nova instalação hospitalar no Rio de Janeiro. Os dois oficiais se atrasaram devido ao trânsito. Quando chegaram ao hospital, o governador já tinha ido embora".

De acordo com o relato de Hélio Silva, Lacerda soube do levante das tropas comandadas pelo general Olímpio Mourão Filho em Juiz de Fora por um telefonema do deputado Armando Falcão. Lacerda temia o ataque ao Palácio Guanabara pelas forças fiéis a João Goulart e mobilizou sua guarda e armou-se de metralhadora para esperar o ataque que não houve.

Entre os documentos liberados pela Biblioteca Lindon Johnson, da Universidade do Texas, há um pequeno perfil de Lacerda feito pela CIA e transcrito no livro de Marcos Sá Correa, "1964 visto e comentado pela Casa Branca":

"Um dos anticomunistas mais vigorosos e notórios da América Latina. Conquistou ampla reputação como orador franco e jornalista vitriólico, mas seu ardor e seu comportamento emocional muitas vezes tendem a diminuir sua eficiência. Crítico franco do ex-presidente Goulart, pode-se esperar que Lacerda, um líder udenista, seja forte concorrente à presidência nas eleições do próximo ano. Tem demonstrado uma atitude predominantemente pró-americana".

Foi como um forte candidato à sucessão do general Castelo Branco — eleito pelo Congresso para completar o mandato de Goulart — que Lacerda emergiu de 1964. Em novembro, depois de conferenciar por duas horas com o presidente em Brasília, Lacerda disse que "fiquei satisfeito com a forma absolutamente correta em que o presidente da República colocou a minha candidatura: nem se considera obrigado a apoiá-la nem a hostilizá-la, podendo vir a prestigiá-la, futuramente, como cidadão interessado na preservação da obra revolucionária que empreende".

No entanto, as relações entre o governador candidato à presidência e os líderes militares de 1964 foram estremecendo. Lacerda teve outros encontros com o general Castelo Branco, alertando-o para o fato da Revolução se impopularizar cada vez mais.

Como não conseguiu alterar os rumos revolucionários, Lacerda passou a atacar diariamente o governo através da imprensa, acusando-o de adotar medidas que "criaram situação de intranquilidade social e ameaçam jogar por terra as generosas iniciativas do movimento armado de março".

O resultado da impopularidade que preocupava Lacerda se fez sentir nas eleições para governador em 1965, quando seu candidato Flexa Ribeiro foi derrotado por Negrão de Lima, do PSD, o mesmo acontecendo com outro líder civil da revolução, Magalhães Pinto, que não conseguiu evitar em Minas a vitória de outro pessedista, Israel Pinheiro.

Renúncia à candidatura

Os militares mais radicais conseguiram impor ao presidente Castelo Branco a assinatura do Ato Institucional n.º 2, que extinguiu os partidos políticos e criou a Arena e o MDB, como meio de garantir a posse da Oposição na Guanabara e em Minas. Prevendo o fim da eleição direta para a presidência da República, Lacerda renunciou à sua candidatura já aprovada pela convenção da UDN e, entre outras acusações ao governo, disse em outubro de 1965:

"Esta revolução não é irreversível coisa nenhuma. O que ela é, na verdade, é uma revolução que já não existe, uma revolução que já reverteu à terra de onde saiu. Está retrocedendo para chegar, em poucos dias, à última capitulação e ser devorada pela crise."

Em seu livro "Março 31: Civis e Militares no Processo da Crise Brasileira", Fernando Pedreira assinala que as lideranças civis malograram e que "resta uma última incógnita, representada pelo sr. Carlos Lacerda. Mas o sr. Lacerda permanece ainda muito preso ao seu próprio passado. Reluta em abandonar os processos políticos de que até aqui se serviu com tanto êxito e é, por isso, obrigado a inventar inimigos para fazer-se valer contra eles — mesmo que esses "inimigos" sejam simples estudantes da UNE ou seus antigos companheiros de jornalismo político ou de partido".

O governo passa a temer as críticas de Lacerda e estuda meios de impedir que ele tenha acesso ao rádio e à televisão. E já no governo Costa e Silva, a 28 de agosto de 1967, que ele é proibido de aparecer na televisão. Lacerda anuncia sua candidatura à presidência da República em 1970, na sucessão de Costa e Silva, e cria a Frente Ampla, na qual se alia com seus antigos inimigos Juscelino Kubitschek (com quem se encontra em Lisboa) e João Goulart (com quem conversa em Montevidéu).

O general Augusto Cezar Moniz de Aragão ataca a Frente Ampla numa série de artigos em "O Globo" e Lacerda responde. Essa polêmica termina com a proibição da presença do ex-governador na televisão. O fim de sua carreira política aconteceria no ano seguinte. Em abril de 1968, o ministro da Justiça, Gama e Silva, declara "fora da lei" a Frente Ampa. Lacerda radicaliza sua oposição e, em outrubro, publica um artigo na "Tribuna da Imprensa" em que acusa os militares de "minoria radical e neofascista". Em 30 de dezembro, enfim, ele é cassado juntamente com os deputados federais Marcio Moreira Alves e Hermano Alves, quando o País já estava sob a égide do Ato Institucional n.º 5 há 17 dias.

Encerrada a fase política, ele parte para um breve exílio no Exterior, o terceiro de sua vida (em 1955 foi para os Estados Unidos e em 1961 para Portugal). Ao retornar, dedicou-se a atividades empresariais no Grupo Novo Rio e adquiriu as editoras Nova Fronteira e Nova Aguillar.

Os inimigos são perdoados

Carlos Frederico Werneck de Lacerda iniciou então uma nova fase de sua vida, mais introspectiva. Recentemente, por exemplo, escreveu uma carta a outro antigo inimigo, o embaixador Batista Luzardo, cujo livro decidiu editar. Nessa carta, aliás publicada domingo pela "Folha", ele justifica a formação da Frente Ampla:

"Ao vê-lo assim disposto, e assim exprimir com generosidade somente comparável à altivez dos seus combates, acorro ao seu convite, como fui ao encontro de Juscelino Kubitschek e de João Goulart, para tentar reconciliá-los com a revolução e utilizar, em benefício de todo o povo, lideranças autênticas, que só este distingue, reconhece e identifica. Um dia se compreenderá o serviço que procurei prestar e pelo qual fui punido com uma pena que a mim mais distingue do que desonra."

Quando Juscelino Kubitschek morreu, ele também concordou em escrever um artigo especial para a "Folha" a respeito do ex-presidente, a quem dedicou um epitáfio pelo menos compreensivo.

Já no governo Geisel, Lacerda voltou a escrever artigos polêmicos, de início dedicados a Portugal e à revolução de abril, e posteriormente sobre política interna, publicados ora no "Jornal do Brasil" ora em "O Estado de S. Paulo". Os textos sobre política brasileira ele não pôde continuar a escrever devido a pressões oficiosas do governo.

A morte começou a preocupá-lo quando terminava de escrever seu último livro, "A Casa do Meu Avô", tanto que reescreveu a abertura para mencionar seu irmão Mauricio, que morreu em setembro de 1976. Ele concedeu sua última entrevista à imprensa justamente a respeito desse livro, e posteriormente escreveu uma carta à repórter que o entrevistara, Regina Penteado, da "Folha".

Como animal político, mesmo falando de um livro sobre o passado ele não deixou de se expressar politicamente. Uma frase que pronunciou nessa entrevista — argumentando que sem imaginação não se constrói nem máquinas, quanto mais um País — foi aproveitada pelo líder do MDB na Câmara Federal, Alencar Furtado, no vigoroso discurso que dedicou às reformas políticas que o presidente Ernesto Geisel preparou no Riacho Fundo.

Painel

Lacerda e S.Paulo

Carlos Lacerda sempre teve grande afinidade com São Paulo, onde trabalhou em 1939/40, no "Digesto Econômico", como secretário, e na Rádio Gazeta, radiofonizando novelas, com Paulo Mendes de Almeida. Ultimamente, tinha resolvido editar, pela Nova Fronteira, um álbum de "São Paulo antigo", encarregando do texto Alfredo Mesquita. As fotos foram colhidas no MIS e no Serviço do Patrimônio Histórico da Prefeitura, e levantadas por uma amiga fiel, Maria Moraes Barros. Em São Paulo, gostava de conversar com os amigos, comprar plantas, comer churrasco e procurar livros raros.

Na última conversa que teve com um colega da "Folha", no Rio, há 15 dias, Lacerda se mostrava desencantado e triste. Mais que a crise — e ele estava cassado — "a burrice nacional" o atormentava. Não quis receber um recado de Jânio, e só se mostrava entusiasmado com um novo lançamento de sua editora — **Os Militares no Poder**, de Carlos Castelo Branco. Seu último artigo, na **Manchete**, é sobre Freud, o que já denota a predisposição de Lacerda para o mundo do espírito.

A corrupção

Frase de um líder da Arena paulista: "com esse negócio de corrupção vamos ter que levar os bons para Fernando de Noronha. O resto fica no continente."

Depois da queda

Muito se poderá falar sobre a queda do sr. Plinio Assman da presidência do Metrô. No entanto, ninguém pode negar que as relações entre ele e o prefeito Setúbal de há muito estavam deterioradas.

Leitura obrigatória

Uma das mais antigas praxes parlamentares acaba de ser abolida pela nova mesa do Congresso: agora, nas sessões conjuntas, o senador e o deputado não podem mais dar como lidos os discursos que preparam, que eram encaminhados para publicação no Diario do Congresso.

Assim, o plenário está se deliciando com verdadeiras obras primas, principalmente no terreno dos elogios pessoais.

De Lacerda

"Estou cansado de empurrar caminhão na ladeira e depois ficar a pé".

Resposta do sr. Carlos Lacerda a um grupo de políticos, numa reunião em que o ex-governador procurava adeptos para Frente Ampla e onde se colocava a suspeita de que ele desejasse ser candidato da Oposição à presidência da República.

Entrada e saída

Projeto dos mais polêmicos foi aprovado nesta semana por unanimidade na Comissão de Economia da Câmara dos Deputados, após transitar pela Comissão de Justiça: aquele que *obriga à declaração de bens, na posse e na despedida, a quantos sejam nomeados* para a direção ou o conselho de empresas públicas, autarquias, fundações, sociedade de economia mista ou em qualquer tipo de sociedade em que o Estado possua mais de 51% de ações ou de cotas de participação.

A propositura, de autoria do deputado paulista Israel Dias Novaes, do M.D.B., estabelece ainda que a falta dessa declaração de bens importa em crime de responsabilidade.

Os resultados

Criada há tempos, para resolver um dos mais angustiantes problemas da comercialização de produtos agrícolas, a Cibrazem — que mantém uma rede de armazéns em todo o País — parece ter atingido um de seus objetivos: o relatório das atividades do órgão, referente ao ano passado, afirma que ela teve um lucro de 17,1 milhões de cruzeiros. Parabéns.

Recompondo

Nos próximos dias a Cecap vai convocar, através dos jornais, as empresas que operam na área da construção civil, para discutir as novas modalidades de licitação para o plano de obras que o presidente daquela empresa, Ismael Armond, pretende colocar em execução.

Segundo ele, ainda este ano, a Cecap iniciará a construção de 20 mil residências.

Sobre o estado das obras iniciadas e a situação da empresa, ele prefere não falar. "Estamos em recomposição" — afirma Armond.

Parece que o novo presidente do órgão está tendo dificuldades em sair da fase de "recomposição" da Cecap.

Boa notícia

Perguntaram ao ministro interino do trabalho, Jorge Furtado, quais as razões que levaram à recente substituição de um delegado regional do Trabalho.

"Não foi nada de mais grave para garantir uma boa notícia, como corrupção, por exemplo" — explicou.

Vazamento oficial

Mais um "vazamento", este na área do Ministério do Exército: um dos últimos exemplares do Diário Oficial da União pública despacho do ministro Silvio Frota mandando cassar o certificado de registro de uma indústria carioca de granito, que utiliza dinamite, produto sujeito ao controle das Forças Armadas, "em face dos fatos apurados pelos órgãos de segurança do I Exército".

É que o processo, como revela a publicação, estava rotulado de "confidencial".

O dever

Desde novembro, encontra-se em estudos no Ministério do Planejamento pedido da Rede Ferroviária Federal para uma "importação urgente" de 50 trens-unidades japoneses, que vão operar nos subúrbios cariocas.

Um assessor do ministro Dirceu Nogueira perguntou-lhe, ontem, se podia reiterar o pedido:

"Não só pode, como deve" — desabafou o ministro.

O sr. Magalhães Pinto não desiste. Tem afirmado a amigos que mantém sua candidatura à presidência da República, pois acha que um candidato civil ainda é viável.

A espada

Ao ser informado da aprovação, por decurso de prazo, do projeto que institui o recolhimento restituível sobre a gasolina — cuja cobrança está suspensa — o presidente do Conselho Nacional do Petróleo, general Oziel de Almeida, concordou que ele será "uma espada sobre a cabeça dos consumidores".

"Mas ninguém deve se preocupar com isso, pois o governo realmente não cogita de empunhar a arma" — acrescentou.

As ofertas

Começa, em junho, uma nova rodada de negociações comerciais Brasil-União Soviética, cujo objetivo principal é eliminar o atual déficit do intercâmbio bilateral, da ordem de 100 milhões de dólares anuais, a nosso favor.

O maior interesse brasileiro é pelo aumento das importações de petróleo soviético, mas Moscou já informou que isso é praticamente impossível, pois seus excedentes são cada vez mais exigidos pelos países do bloco socialista.

Os dois lados, todavia, estão bastante otimistas.

Contraponto

Sebastião Nery

A Bolsa

Era corretor. Figurão na Bolsa do Rio. Dez da manhã, durante todo o ano de 1971, estava lá na Praça XV, faturando o milagre. Maio, junho, julho, quase perde a cabeça. Nunca vira tanto dinheiro. Fazia comícios pelas esquinas, como vice-líder da Arena em dia de pagamento.

Comprou um Landau, deu uma Variant para a mulher, um Bugre para o filho. Negociou um apartamento de 300 milhões no Leblon, esquina do mar: 10 milhões por mês. Pagava em cima da perna. E importou um São Bernardo de pedigree assinado por inglês.

O síndico criou caso. Cachorro grande não vive em apartamento. Arranjou casa em Bonsucesso, contratou vigia e todo sábado ia ao suburbio buscar o São Bernardo para desfilar na praia. De repente, sumiu no trottoir financeiro da ponte-aérea: de manhã na Bolsa do Rio, de tarde na Bolsa de S. Paulo. Uma tarde, um amigo o encontra na avenida Rio Branco, olhos baixos, terno amassado, passo lerdo. Ia como quem não ia a parte alguma. Fazia a rua.

— O que é que há? Por que a cara triste?

— Afundei. Me atolei na Bolsa. Fiquei de papéis até as orelhas. Facilitei e naufraguei.

— E a vida?

— Tomaram meu Landau, a Variant de minha mulher, o Bugre de meu filho e o apartamento.

— E o São Bernardo?

Me salvou. Vendi, dispensei o vigia e estou morando em Bonsucesso. Na casa do cachorro. Que aliás é boazinha.

FOLHA DE S. PAULO

PROPRIEDADE DA EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S/A.

Assinatura Semestral	Cr$ 330,00
(D.R.)	Cr$ 140,00
TOTAL	Cr$ 470,00
Assinatura Anual	Cr$ 560,00
(D.R.)	Cr$ 270,00
TOTAL	Cr$ 830,00

Segunda-feira somente venda avulsa

VENDA AVULSA

Diariamente Cr$ 3,00

Preço da venda avulsa remessa por via aérea nos Estados do Ceará — Bahia — Piauí — Maranhão — Pará — Amazonas — Acre — Paraíba — Alagoas — Pernambuco — Rio Grande do Norte — Sergipe — Espírito Santo e nos territórios do Amapá — Roraima — Rondônia dias úteis Cr$ 6,00 — domingos Cr$ 10,00.

Nos Estados de Goiás — Rio Grande do Sul — Mato Grosso — Paraná — Distrito Federal — Brasília — Santa Catarina — e Minas Gerais — Dias úteis Cr$ 5,00 — Domingos — Cr$ 7,00. Rio de Janeiro — Diariamente Cr$ 5,00

Sucursal de Brasília — (DF)
C.L.S. 104 Bloco C Lojas 32, 33 e 34 Telefone Central 233005

Sucursal de Rio de Janeiro — (RJ)
Av. Presidente Vargas 502 8.º andar Telefones 243 38 46, 243 82 87 e 243 39 46

Sucursal de Belo Horizonte — (MG)
Rua Quimberlita 344 Telefone 461 9858

Sucursal de Porto Alegre (RS)
Rua dos Andradas 736

Sucursal de Curitiba — (PR)
Rua Paula Gomes 221 Telefone 22 32 45

Sucursal de Florianópolis — (SC)
Rua Tenente Silveira 15 s. 203 Telefone 22 52 33

Sucursal de Recife — (PE)
Rua Cleto Campelo 44 s. loja sala 216 Fone 24-3896

Sucursal de Campinas — (SP)
Rua Dr. Quirino 1 254 Telefones 31-5181 e 8-9308

Sucursal de Santo André — (SP)
Rua Siqueira Campos 540 544 Telefones 449 62 01 e 449 60 90

Sucursal de Santos — (SP)
Rua do Comércio 32 Telefone 32 71 41

Sucursal de Londrina — (PR)
Rua Santa Catarina 152 Telefones 23 61 74 e 23 95 63

SÃO PAULO

Redação, Administração, Publicidade e Oficina Alameda Barão de Limeira, 425, Campos Elíseos, São Paulo — Telefone Central 220 00 11 — Caixa Postal 8 079 — Endereços telegráficos FOLHAS FOLHAS INFORMAÇÕES Fone 220 16 22 e Telex n.º 011 22 930 011 24 030 011 21 793 e 011 22 822 Código Postal 01202

Correspondentes
Nova York — Paulo Francis
Paris — J. B. Natali
Tóquio — Osvaldo Peralva

Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Ufanistas e Cassandras

ALIOMAR BALEEIRO

Num delicioso comentário, Oto Lara Rezende recordou um livrinho — "Porque me ufano de meu país", do conde de Afonso Celso, leitura obrigatória na maioria das escolas primárias de nossa infância. Competia com a "Nossa Pátria", de Virgílio Cardoso de Oliveira. Devo dizer que sou muito mais velho do que Lara, mas ambas as obras gozavam de popularidade até o fim da Primeira Grande Guerra.

A visão edênica e romântica do Brasil gerou a expressão "porque-me-ufanismo" ou apenas "ufanismo", substituído pelo "narcisismo", oposto ao "cassandrismo", após a Revolução de 1930. Certo é que, antes desta, os professores abriam os olhos da meninada, mostrando que o Brasil era pobre como Job, não possuía petróleo, sofria escassez de carvão mineral e, periodicamente, de secas devastadoras no Nordeste, contava com mais de 50% de analfabetos e, fora do Rio e de São Paulo, constituía o "vasto hospital" de Miguel Pereira com frequentes surtos epidêmicos das velhas endemias — a febre amarela, a malária, a verminose, a peste, a moléstia de Chagas, etc, etc. Não correspondia ao "vasto hospital", porque os doentes miseráveis não arranjavam internação, nem ambulatório. Vi, quando moço, dezenas de miseráveis dormindo ao relento na calçada e catando esmolas à espera duma vaga no hospital superlotado da Santa Casa, na capital da Bahia.

Mas Lara Rezende pôs no cabeçalho de seu artigo — "Porque não me ufano de meu país". Seria revelador e oportuno que uns tantos Mecenas se cotizassem para uma gigantesca pesquisa de opinião dos brasileiros, perguntando-lhes:

— "Você se ufana do Brasil de hoje"'. A pergunta poderia ser desmembrada por setores políticos, econômicos, éticos, morais, sociais, educacionais, religiosos, etc.

Um panfletário português, muito lido há 60 anos e hoje de todo esquecido, pelo menos no Brasil, escreveu certa vez que "um jornal era uma janela aberta sobre a vida". Parece justa a observação de que o sr. Geisel, se não a mantém aberta de par em par porque ainda há discriminações segundo murmuram, também pouco a cerrou em contraste com passado recente, quando o "Estadão" preenchia cortes da censura com estrofes de Camões e receitas de culinária.

Porém não há nada mais melancólico, para os sobreviventes dos "ufanistas" do primeiro quarto deste século, do que a leitura das notícias não contestadas ou pelo menos não convincentemente contestadas. Afinal, o governo não pode ser responsabilizado pelas enchentes sucessivas, nem pelas extorsões do petróleo árabe. Se nós o possuíssemos em monopólio ou oligopólio — se fôssemos dos raros produtores desse combustível — faríamos o mesmo ou seríamos um rebanho de idiotas.

Mas deixando de lado os assaltos diários à mão armada, desafiando a ineficiência da polícia, que, por outro lado, entra com forte contingente na proporção de crimes e criminosos; a mendicância no Rio e em São Paulo, as mais ricas cidades do País; a má qualidade do ensino universitário com seus subprodutos de semi-analfabetos registrados pelos jornais; a ineficiência da maioria dos serviços públicos, etc., há margem para forte libelo contra o governo nesta fase desolada.

Nem todas as águas da bacia amazônica bastariam para lavar o nonrado sr. Geisel do erro grosseiro — não falo do crime — de vibrar o mais bobo golpe d'Estado para fins mesquinhos de escamoteação eleitorais e interesses privados de titulares de cartório. Pode haver grandeza no crime de golpe d'Estado — "alta traição" no velho Direito — quando desfechado para evitar um mal muito maior e, em quase todas as nações civilizadas e livres, encontramos exemplos disso. O estadista, confrontado por circunstâncias trágicas, resolve o impasse por um rasgão no tecido constitucional e poderá redimir-se aos olhos dos pósteros porque conjurou desgraça maior. Não é provável que os nossos netos absolvam o Presidente pela patuscada de abril, salvo por piedade, o que não agradará a seus brios, se houver memória deste mundo lá no outro, do qual os de nossa geração estamos tão próximos do sinal de embarque.

Por outro lado, se a inflação que, no Brasil, precedeu a Independência e o consagrou dos mais experimentados no assunto, representa, hoje, uma constante generalizada da vida contemporânea, não há menos verdade de que os países policiados e bem governados conseguem cientificamente subjugá-la ou reprimi-la em níveis menos dramáticos, ainda que com duros sacrifícios. Os Estados Unidos a enfrentaram desde 1973-74 e nós permanecemos postos em sossego, na atitude da linda Inês, como se não fôssemos ainda mais vulneráveis. Com toda a vênia, os presidentes da República, num ponto, parecem com os maridos enganados: são sempre os últimos a saber. Um deles me fuzilou com os olhos porque lho disse e provei. No Planalto, ignora-se o ranger de dentes das classes médias, sobretudo das submédias, e do proletariado. Paradoxalmente, o padecimento se apresenta menos sensível para os milhões de destituídos de tudo, os que vivem da lavoura de susbsistência, quase totalmente segregados da economia de mercado. Plantam o mínimo para comer e trocar fumo na feira semanal por querosene, cachaça e fósforos. Vivem como os lírios dos campos.

Não tenho a fortuna de conhecer de perto o sr. Mário Simonsen, e os seus amigos, também meus, mo louvam, concedendo que seu pecado venial é o mesmo dos gloriosos W. Pitt, Churchill e outros estadistas. Não tem sido feliz e o defendem com a alegação de que ministros intrusos perturbam e balburdiam seus planos. Se assim acontece, a culpa vai para o sr. Geisel, que, no nefasto regime presidencial, responde pela unidade e homogeneidade de orquestra na interpretação e execução da partitura.

Publicaram que o prof. Simonsen quis sacudir o pó das alpercatas, como os antigos apóstolos, e deixar a cidade, aliás o Ministério surdo e irrecuperável. Mas não teria sido levado a isso por motivos políticos e de falta de autonomia interna, mas porque a Polícia submetera à identificação criminal um diretor do Banco do Brasil, que, até condenação do juiz, há de legalmente presumir-se inocente. Sempre entendi que se um cidadão porta consigo carteira de identidade civil com retrato e série individual dactiloscópica, sobretudo não muito antiga, é supérfluo e odioso constrangê-lo a diligências penosas para o fichário de delinquentes, em obediência ao inepto art. 6.º, n.º VIII, do Código de Processo Penal, que manda o policial identificar desde início qualquer pessoa se envolvida num incidente aparentemente criminoso. Já conheci cidadãos de prol, futuros governadores, presidentes da Câmara, ministros dos tribunais federais, que tiveram de ir à Polícia como indiciados, as mais das vezes por perseguições partidárias. Infelizmente, o egrégio Supremo Tribunal que, antes, concedia **Habeas Corpus** contra identificação de quem exibia carteira de identidade civil, retrocedeu e vem prestando, com a devida vênia, interpretação literal e farisaica àquele dispositivo iniquo, herdado da ditadura Vargas. Por que Geisel não o revoga com uma Emenda n.º 9, depois dum A.C. n.º 102?

Debruçando-me bem na janela do jornal, vejo a inquietação dos estudantes, os rombos em cifras astronômicas da Sudepe, da Lutfala, da UE.B, etc. No passado, houve escândalos dessa ordem, porém microscópicos, que levaram à denúncia, perante o Supremo, homens como Joaquim Murtinho, logo reconhecido inocente, e à cadeia, no Quartel dos Barbonos, Didimo Agapito da Veiga, presidente do Tribunal de Contas, salvo quase ao ouvir-se o gongo pelo voto de Minerva.

Talvez exagere o senador Luís Viana, classificando de "gravíssima" a situação. Odeio os superlativos. Mas o sr. Geisel não tenha a mais mínima dúvida de que a hora é grave e pode romper as rédeas de sua montaria gaúcha. Poucos se ufanam do país, embora não tenha eu vocação de Cassandra.

Aliomar Baleeiro é jurista, professor de Direito, ex-parlamentar e ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal.

Confidencial

Arquimedes Leite

Econoquimia

Econoquimia, o novo campo interdisciplinar em que se conjugam os conhecimentos da química e da alquimia, tem dois objetivos principais: descobrir a natureza fiscal de todas as mercadorias que existam e criar mercadorias novas pela combinação das existentes. Por exemplo, sabe-se que o cobre e a pólvora reagem violentamente quando misturados em determinadas circunstâncias (o chamado Fenômeno Chile). É papel da econoquimia explicar porque tais reações ocorrem e como proceder para que delas resultem produtos de valor comercial.

A pergunta que os econoquimistas continuamente se fazem é: que é que leva uma substância a converter-se em outra, como por exemplo os papéis frios de uma financeira em dinheiro quente do Banco Central?

Hoje, os econoquimistas se mantêm envolvidos em experiências entusiásticas que influenciam poderosamente nossa vida cotidiana. Em colaboração com políticos e empresários eles têm produzido siglas e cifras em combinações que, à primeira vista, pareceria impossível obter com apenas 10 algarismos e 23 letras. Por exemplo, não se pode imaginar hoje uma universidade sem DOPS, um hospital sem INPS e um telefone de político sem SNI na escuta. Por outro lado, nenhuma dessas siglas teria sido possível sem os econoquimistas haverem calculado antes o percentual exato a ser deduzido pelo governo em nosso envelope de pagamento, nas notas fiscais e na declaração do imposto de renda. Sem a preciosa colaboração dos econoquimistas não seria possível tampouco sustentar a força da reação, nem dissolver periodicamente o Congresso, nem inventar o material plástico de que brevemente será formado 1/3 do Senado.

Melhor compreensão da econoquimia requer prévio domínio de alguns conceitos básicos, que passam a ser expostos abaixo:

Alteração econoquímica — *Mudança drástica de propriedades por efeito de qualquer especulação.*

Alteração física — *Mudança corpórea sofrida por algumas pessoas que resistem a certas alterações econoquímicas.*

Catalisador — *Substância pecuniária que altera a rapidez de uma transação com o governo, sem jamais aparecer nos valores resultantes.*

Decomposição — *Efeito de uma inflação de 6% ao mês sobre um sistema econoquímico.*

Destilato — *O líquido condensado que se obtém mediante a fraudação do bruto.*

Energia — *O componente invariavelmente prometido para introduzir mudanças e na verdade só usado para impedi-las.*

Equação — *Expressão concisa de uma reação econoquímica mediante uso de símbolos e fórmulas capazes de omitir o que realmente se perdeu e para onde foi o produto.*

Equilíbrio — *Condição do balanço de pagamentos quando não são computados os juros, os lucros e os direitos de patentes remetidos para o exterior.*

Estável — *Regime não submetido à decomposição efetivada pela CIA e outros agentes externos.*

Excesso — *Ação policial requerida às vezes para garantir a reação.*

Filtração — *Processo de separar a verdade da propaganda nos comunicados oficiais.*

Hipótese — *Suposição inteligente relativa à natureza de um fenômeno. O atual sistema econoquímico não comporta hipótese alguma.*

Lei — *Relação entre os fenômenos econoquímicos, sempre sujeita a mudança sem aviso prévio.*

Matéria — *Tudo que, no Congresso, serve para conciliar o sono dos parlamentares presentes e para repelir os ausentes convocados para discuti-la.*

Mistura — *Uma combinação de matérias mantidas juntas mais por ação física do que por processo econoquímico. Sinônimo de pacote.*

Neutralização — *Reação com as bases para formação de sais como o salário mínimo e o saldo médio bancário.*

Ponto de ebulição — *Temperatura política em que a pressão faz ferver o sistema econoquímico.*

Precipitação — *Processo de formação de algo sólido e duro numa solução que não seja muito clara.*

Produtos — *As substâncias formadas como resultado da propaganda comercial.*

Propriedade — *A força de reação da TFP.*

Radical — *Todo grupo de elementos unidos que exerça a ação desintegradora sobre a estrutura econoquímica.*

Radical livre — *Componente de um grupo radical ainda não localizado pelo DOPS.*

Radioatividade — *Fenômeno controlado pelo Serviço de Censura do Departamento de Polícia Federal.*

Reação — *Qualquer alteração econoquímica, mas na terminologia economista o termo é definido, com máximo rigor, com a resistência a qualquer alteração econoquímica de base.*

Pesquisa — *Investigação direta dos hábitos naturais do consumidor para aquisição de conhecimentos capazes de aperfeiçoar a manipulação de seu comportamento.*

Saturação — *Concentração máxima possível, como a de propaganda oficial nas informações dadas à imprensa pelos assessores de relações públicas do governo.*

Sólido — *Um sistema econoquímico que fosse protegido contra tanta evaporação do líquido.*

Solução — *Mistura homogênea de ingredientes imaginários e que jamais existe fora da teoria. Toda solução, no sistema econoquímico, está sempre suspensa.*

Solvente — *Diz-se da grande empresa enquanto não lhe falta o metal do BNDE ou do Banco Central.*

Símbolos — *Sinais que indicam as moedas da dívida externa.*

Síntese — *Formação de um composto pela combinação de vários elementos ou de compostos mais simples. Os próximos colégios eleitorais de vereadores são exemplos de síntese, da qual deverão resultar governadores e senadores sintéticos.*

Teoria — *Uma explanação geral de fenômenos econoquímicos relacionados entre si e sem relação alguma com a realidade.*

— Valência — *A tendência de certos elementos formarem compostos. Existem elementos valentes e ambivalentes.*

Zero absoluto - *Estado a que pode chegar um sistema econoquímico pela ação do álcool sobre a lembrança da tabuada.*

A Palavra do Leitor

Constante renovação

"Nestes últimos 17 meses a "Folha" sofreu uma transformação inconstante, o seu corpo editorial, os novos colaboradores, a paginação, o "Painel", as "Frases", as seções econômicas, a Folha Ilustrada, os suplementos dominicais, a seção "Jornal dos Jornais", etc.

"Nota-se uma preocupação constante de renovação, de criação. A "Folha" conseguiu num curto espaço de tempo mudar a sua imagem. É comum verificar a aceitação desta publicação em confronto com outras que estão perdendo terreno paulatinamente. A "Folha" evoluiu; está evoluindo, enquanto outros jornais mantêm uma linha arcaica, pararam no tempo.

"E sentindo este clima que dou uma sugestão (acredito que já tenha sido objeto de estudo de tão dinâmica equipe de trabalho): à coluna "Tendências e Debates" (dispenso maiores comentários de seu mérito) uma publicação especial que poderia ser vendida separadamente, ou então, graciosamente cedida dos seus assinantes com a seleção de artigos já publicados por assunto — economia, política, religião, educação, etc. Os textos de "Tendências e Debates" serviriam de subsídios a estudantes, universitários, para desenvolverem trabalhos, dando um cunho atual, mostrando as tendências e evolução das idéias, aliado às consultas normais de bibliografias, próprias, inerentes às matérias destes trabalhos.

"Leio a "Folha" desde os meus dezenove anos, portanto ela me acompanha no dia-a-dia, há onze anos: Vocês conseguiram formar uma nova imagem de publicação, a tarefa será árdua em mantê-la — **Adelson Roberto Araújo da Silva** (Capital).

A sugestão está em estudos.

Desairosa e injusta

"Na edição de 15/5, na seção "A Palavra do Leitor", há referência desairosa e extremamente injusta a um dos maiores correspondentes que o Brasil já teve a oportunidade de possuir — Paulo Francis. A análise profunda e justa que realiza, no exterior, obtém, estou certo, muitos leitores, que, como eu, sabem apreciar a profundeza de suas observações e a inteligência nelas contida.

"Espero expressem ao jornalista Paulo Francis meu testemunho da existência de muitos leitores da "Folha" que o são, principalmente, pela atração dos escritos inteligentes e de grande acuidade, por ele feitos no Exterior. — **J. Roberto Henriques, médico**" (Poços de Caldas).

Civil e militar

"O seu jornal, de que sou leitor assíduo, publicou, no dia 15 de maio, uma entrevista do senador Passarinho, sugerindo que, para desaparecer o Ato n.º 5, se passasse o julgamento de crimes políticos para o Superior Tribunal Militar.

"Esse senador precisava lembrar-se de que existe uma profunda diferença entre justiça civil ou comum e justiça castrense. A primeira é organizada para julgar os crimes de civis, inclusive os políticos. E a castrense, muito mais restrita, é feita para julgar crimes militares. E nada mais.

"Ninguém, ou melhor, nenhum civil até hoje se lembrou de dar competência aos tribunais civis para julgar militares.

"Por quê? Porque a diferença entre uma justiça e outra é enorme; os juízes civis estão preparados para julgar os crimes contidos no Código Penal. Os juízes militares estão presos ao Código Penal Militar. Isso é comezinho, não há dúvida, mas o senador o ignora.

"Por isso mesmo, seria talvez de alguma utilidade colocar ao seu alcance esta lição magnífica de um dos maiores juízes do Brasil. Leia-se: "Já é tempo de que os militares se compenetrem de que nos regimes democráticos não lhes cabe o papel de mentores da Nação".

"A atividade civil pertence aos civis, a militar a estes, que, sob sagrado compromisso, juram fidelidade à disciplina, às leis e à Constituição" (Ribeiro da Costa, presidente do STF, in "O Supremo Tribunal Federal e a Instabilidade Política". O. Trigueiro).

"É verdade que agora não temos Constituição. Tudo é possível fazer... Mas quem sabe o senador atente para essas lições. — **U.P.**" (Capital).

D. Sigaud

"Para que conste da seção "A Palavra do Leitor", gostaria de perguntar ao sr. Newton Rodrigues, autor do artigo intitulado "O Relatório Sigaud" publicado por esse conceituado jornal, no dia 6-5-77, se já leu o livro "A Igreja ante a escalada da ameaça comunista", do competente intelectual católico, Prof. Plínio Corrêa de Oliveira.

"Será que o Sr. Newton Rodrigues não acha que quem maldiz propriedades privadas emite brados de ódios contra os proprietários, rende pleito de saudade ao tristemente célebre "Che" Guevara, não seja o que D. Geraldo Sigaud, afirma? — **A. Benedito Silva**" (Cambé, Pr).

Condôminos

"Cumprimento esse jornal pelo belo trabalho jornalístico publicado no dia 8 do corrente, pág. 18, denominado "A arriscada compra de imóveis "na planta". Uma valiosa e esclarecedora contribuição ao trabalho que vimos empreendendo na defesa dos interesses dos condôminos, bem como corajosa, uma vez que contraria interesses de grupos financeiros fortes.

"De outra parte, solicito a V. Sas. publicarem a presente, pois faz-se necessária uma retificação.

"Disse ao repórter que me entrevistou que a firma "Unimov", devido a dificuldades surgidas entre essa incorporadora-construtora e a Finadisa, conforme publicações feitas nos jornais, teve várias obras paralisadas há mais de dois anos em São Paulo", não chegando a dizer, em absoluto, que a mesma havia falido. Aliás, na entrevista que dei à Rádio Bandeirantes, programa "Pulo do Gato", gravado no dia 22-4-77 e que foi ao ar no dia 25-4-77, conforme cópia por escrito fornecida ao repórter desse jornal, disse exatamente o que em cima está transcrito. Anexo, como esclarecimento, mais uma vez, cópia da referida entrevista.

"A firma Unimov não teve em São Paulo sua falência decretada, mesmo porque sua sede está localizada no Rio de Janeiro, por onde o feito deve correr. Em São Paulo, tramitam, na 17.ª Vara Cível, pedidos de falência solicitados pelas firmas Rodolfo Renaux Bauer e New-Tex-Revestimentos Ltda, contra a Unimov Empreendimentos e Construções, não deferidos, ao que consta. — **Adinael Carlos**, diretor-secretário da Associação Brasileira de Condomínios e Investidores em Incorporações (Abadaci).

A morte de Carlos Lacerda

Enfarte mata às 2 horas da manhã

Carlos Frederico Werneck de Lacerda, ex-governado do antigo Estado da Guaabara, morreu ontem, aos 63 nos de idade, de enfarte do micárdio. O ex-governador estav internado na Clínica São Vicnte, na Gávea, desde às 12 horasde sexta-feira, morrendo às 2h da madrugada, perfeitamente lúcido.

Segundo relataram essoas ligadas à família, CarlosLacerda começara a passar nal no início da semana, queixado-se de frio e fortes dores, queforam atribuídas a uma gripe. Com o agravamento do seu estado de saúde, durante a seman, sua esposa, D. Leticia, e os filhos, Sebastião e Cristina, internaram-no na clínica. As 2 horas de sexta-feira, as condições de saúde do ex-governador chegaram a ser consideradassatisfatórias, voltando a pioar à meia-noite.

O corpo de Carlos Lacerla foi levado para a capela n.º 1 do Cemitério de São João Batista, numa kombi preta da Santa Casa de Misericórdia, lá chegando às 9h30. Seu outro filho, Sérgio, só chegou à clínica às 7 horas da manhã, porque etava passando alguns dias numsitio em Paraíba do Sul e só mai tarde soube da morte do pa. D. Leticia teve que ir diretamente da clínica para a sua casa,porque não estava se sentindo em. Só chegou à capela ond se realizava o velório às 1h30, aparentando profundo aatimento, amparada por seu ilho Sebastião. Pouco depois hegava à capela o arcebispo doRio de Janeiro, d. Eugênio Sales, que se dirigiu à D. Letíria, abraçando-a fortemente. Depois, rezou durante algum tmpo junto ao caixão e se retiou. Sérgio, um dos filhos de Lacerda, mostrava-se emocionado e permaneceu de pé, ao lado do caixão, durante todo o tempo, retirando-se pouco depois da chegada da mãe.

Como Carlos Lacerda faleceu na clínica, seu corpo, vestido com terno, sapatos e gravata pretas e camisa branca, foi colocado sem flores no caixão. Na chegada à capela, seus próprios familiares tomaran a iniciativa de levantar a tampa do caixão, que permaneceu aberto durante algum tempo, depois, ficou fechado o tempo todo e as pessoas que iam chegando, a maioria trazendo buquês de flores, principalmente rosas vermelhas, iam colocando as flores em cima o caixão, que ficou inteiramente coberto.

O caixão permaneceu aberto por pouco tempo

O último registro do nome, na entrada do velório

O filho Sérgio consola a irmã Vera Lacerda Paiva

FAMÍLIA ISOLA-SE

A família de Carlos Lacerda manteve-se agrupada e isolada na capela. D. Leticia, sentava-se encolhida num sofá, tendo a um lado a irmã de seu marido, Vera Lacerda Paiva. Do lado sentava-se o filho Sebastião. Ana Cristina, a outra filha de Lacerda, aniversariava hoje e todos os que conheciam a família comentavam que no dia de seu casamento, 11 de setembro de 1976 — com Luis Eduardo Simões Lopes, economista e filho do presidente da Fundação Getúlio Vargas — faleceu o único irmão de Carlos Lacerda, Maurício Lacerda, vitimado por câncer. Desde aquele dia, lembravam, Carlos Lacerda começou a preocupar-se com a idéia de morte e chegou até a mudar a introdução do seu livro "A Casa do Meu Avô", para homenagear a morte do irmão, a quem era muito chegado. A grande preocupação de todos era evitar que a mãe de Carlos Lacerda, D. Olga, aos 85 anos, tomasse conhecimento da morte do segundo filho, em menos de oito meses.

Lacerda reuniu-se com toda a família pela última vez, no domingo, quando tinha sido combinado um almoço no seu sítio "Alecrim", no Rócio, para comemorar a inauguração de uma escola que levava o nome do seu avô, Sebastião Lacerda. Carlos Lacerda havia doado o terreno para a escola mas acabou não havendo inauguração, por faltaa de um documento qualquer.

SÁTIRO, RIDÍCULO

O velório de Carlos Lacerda transcorreu em clima calmo, embora a visível prostração emocional de sua família e de alguns amigos mais chegados. Esse clima só foi quebrado com o comportamento desembaraçado de alguns políticos, principalmente Ernâni Sátiro, que prestou seu depoimento a uma emissora de TV em voz alta, no saguão das capelas do cemitério. Sua desenvoltura era tanta que, á certa altura, o ex-vereador Jair Martins, irritado e com os olhos vermelhos, gritou que ele deveria ter falado aquilo que estava falando sobre o falecido quando este fora cassado. Era voz geral que, era "ridículo o comportamento deste homem" (Sátiro).

Rafael de Almeida Magalhães, vice-governador de Carlos Lacerda, recusou-se obstinadamente a fazer qualquer pronunciamento, da mesma forma que Marcelo Garcia, ex-secretário da Saúde de Carlos Lacerda. Também lá estavam o compositor Billy Blanco, o deputado cassado Geraldo Monerat , ex-assessor de Lacerda, além de Mario Lourenço Fernandes, ex-secretário de Finanças, Caio Mendonça, ex-chefe do gabinete no governo Lacerda e o desembargador Martinho Garcez Neto.

Até as onze horas cerca de 150 pessoas se espalhavam pelo saguão e pelas escadarias das capelas, na Real Grandeza. A maioria se concentrava fora da capela n.º 1, onde estava sendo velado o corpo do ex-governador. Ali ficaram os membros da família e os amigos mais chegados.

Parque do Flamengo vai levar seu nome

O prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoio, decretou luto oficial por três dias pela morte do ex-governador Carlos Lacerda. Também em homenagem ao homem político que foi Lacerda, as casas legislativas do Estado lhe renderão homenagens.

Vereadores da Arena anunciam que proporão na Câmara que seja dado o nome de "Parque Municipal Carlos Lacerda", ao Parque do Flamengo, construído na gestão do ex-governador.

O Aterro do Flamengo, como é conhecido popularmente, é tida como a grande obra de Lacerda. Através dela seu nome está definitivamente gravado pela população.

Ocaso político veio com a "Frente Ampla"

Na segunda quinzena de agosto de 1966, os jornais começaram a noticiar a fundação de uma "Frente Ampla", idealizada pelo sr. Carlos Lacerda.

A formalização da idéia se daria no dia 19 de novembro, quando Lacerda encontrou-se, em Lisboa, com o ex-presidente Juscelino Kubitschek, seu tradicional inimigo até 1964. Naquela cidade portuguesa, Lacerda e Juscelino lançariam um documento conjunto onde concitavam as principais lideranças brasileiras, de natureza e perfil democráticos, a se unirem pela redemocratização do país.

"Um manifesto aberto a todos", diria Lacerda à imprensa brasileira no dia 24 de novembro.

Para os adversários de ontem, no entanto, a proposta de Lacerda estaria prejudicada, pois esconderia o seu desejo de concorrer à Presidência da República como candidato único de oposição aos militares, com os quais rompera, em definitivo, em meados de 1965.

Nos dias iniciais de janeiro de 1967, novo encontro com Juscelino. Agora, os dois falavam no lançamento de um Partido Popular de Reforma Democrática, que seria precedido pela "Frente Ampla".

Ele conseguira, assim, com um golpe hábil e ousado arrebanhar a liderança juscelinista — quer dizer, o antigo PSD.

Sua posição se consolidaria ainda mais quando encontrou-se com o embaixador norte-americano no Brasil, John Tuthill, em fevereiro de 1967. O encontro foi considerado como um "sinal verde" dos americanos para a "Frente Ampla" e esta recebeu a adesão de grandes grupos que começavam então a dissindir dos rumos que tomava o Movimento de Março.

No entanto, havia duas resistências a vencer. A primeira delas estava na área trabalhista, onde os familiares e remanescentes do ex-presidente Vargas não conseguiam perdoar Lacerda pela virulenta oposição movida ao seu líder: a ferida traoalhista ainda sangrava da lancetada mortal do 24 de agosto de 1954.

Lacerda não se fez de rogado. Foi a Montevidéu e encontrou-se com João Goulart. Ele diria à imprensa, na volta do encontro, que conversara com Goulart durante "mais de 3 horas" e que não estivera com Brizola porque "não fora necessário".

Este último negaria: não fora ao encontro do ex-governador da Guanabara por "uma questão de honra e de princípios".

Mas a adesão de Jango à "Frente Ampla" criara a brecha necessária para uma abertura de diálogo com a frente trabalhista da Oposição. Era uma outra resistência vencida.

A segunda grande dificuldade morava em São Paulo: o ex-presidente Jânio Quadros. Este último nutria em relação a Lacerda os mesmos ressentimentos da família Vargas. Também pagara com a renúncia à Presidência por não agradar ao irrequieto governador da Guanabara.

Ainda mais, considerando-se personagem presente na cena, Jânio não via com bons olhos o fortalecimento da candidatura de Lacerda à Presidência da República.

Aqui, a manobra foi mais sutil e indireta. Bloqueado de um contato direto com Jânio, Lacerda cercou-o de várias maneiras, desde o comparecimento à posse do governador Abreu Sodré (seu ex-correligionário), na governança do Estado (1967, março) até o convite ao senador Carvalho Pinto para ingressar na Frente Ampla.

"Se convidamos os inimigos, por que não convidamos os amigos?" ele se perguntaria, falando à imprensa, formalmente sobre o convite ao senador Carvalho Pinto mas referindo-se de forma oblíqua a Jânio.

Mas suas manobras não conseguiam envolver o ex-presidente e então Lacerda tentou o golpe final: apoiado nos "autênticos" (na época chamados de "imaturos") do MDB, dispos-se a comparecer a um comício do MDB em São Caetano do Sul. O MDB era, então, uma cidadela janista e Lacerda tentou a manobra de envolver Jânio a partir da sua própria casa.

Não conseguiria, até o final.

O comício do MDB realizou-se a 20 de março de 1968. A 5 de abril de 1968, o ministro da Justiça Luiz Antônio da Gama e Silva expedia a Portaria 177, pela qual proibia terminantemente quaisquer manifestações da "Frente Ampla". Daí para diante, o que restava a Lacerda era a ação política e ilegal e, ele sabia, isso seria precipitar sua cassação. Recuou e deu a "Frente Ampla" por extinta.

Assim, o último movimento político idealizado por Lacerda — iniciado em agosto de 1966 e frustrado em abril de 1968 pelo governo — morreria sem conseguir, como foi sempre da índole pessoal do seu líder, unir a todos quantos pretendia. OPS

Bloqueio político depois de Golberi

O ímpeto com que Lacerda lançou-se em todos os episódios políticos de que participou até 1964 "trazia consigo o germe da destruição". A observação é de Hélio Fernandes, atual diretor da "Tribuna da Imprensa", jornal fundado por Lacerda em 1949, citando o rompimento entre este e o atual ministro Golberi do Couto e Silva, "que seria decisivo".

Ambos haviam participado do movimento político-militar que resultou na queda de Getúlio Vargas mas terminariam rompidos um ano mais tarde, segundo Hélio Fernandes, porque Lacerda responsabilizou o então coronel Golberi pelo fracasso do golpe com que se tentou impedir a posse de Juscelino Kubitschek.

O fracasso também no movimento contra a posse de João Goulart, em 1961, foi igualmente atribuído por Lacerda a Golberi, conta Hélio Fernandes, acrescentando o relato de um episódio de que participou no dia 30 de março de 1964, no Palácio Guanabara:

"Estávamos almoçando eu, Lacerda, seus dois filhos Sérgio e Sebastião e a deputada Sandra Cavalcanti, quando entrou o general Salvador Mandin para comunicar que Castelo Branco havia decidido entregar o comando das operações do movimento ao general Golberi. O Lacerda reagiu com uma explosão e disse que não participaria de qualquer movimento junto com Golberi, por considerá-lo responsável pelas duas derrotas anteriores".

A marginalização política de Carlos Lacerda, prosseguiu Hélio Fernandes, "foi decidida quando, no governo Castelo Branco, o general Golberi assumiu a chefia do SNI".

"A verdade, acrescentou Hélio Fernandes, é que o Lacerda relutou em romper com Castelo Branco. Quando comecei a atacar a política econômica do Roberto Campos através da "Tribuna da Imprensa", o próprio Lacerda me pediu que parasse.

CASA LUONGO
RUA DIREITA, 89 SÃO PAULO FONE, 35-4562 50 ANOS 1925/1975
25 DE JUNHO - VENDERÁ
LOTERIA DE
SÃO JOÃO
30 MILHÕES
EM 4 SÉRIES DE
6 MILHÕES
COM UMA
SÉRIE DE OURO
PAGANDO EM DOBRO
12 MILHÕES
ENTREGAMOS A DOMICÍLIO NA CAPITAL
ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL
MEDIANTE CHEQUE VISADO
INTEIRO Cr.$ 800,00 | QUADRADINHA Cr.$ 3.200,00
LOTERIA FEDERAL
EXTRAÇÃO DE 21/05/77
1.º) 52.161 Cr$ 1.200.000,00
2.º) 26.316 Cr$ 120.000,00
3.º) 44.642 Cr$ 60.000,00
4.º) 28.741 Cr$ 50.000,00
5.º) 19.327 Cr$ 40.000,00
SÉRIE DE OURO
N.º 52.161 — SÉRIE A
Cr$ 2.400,000,00

PISCINAS EM CONCRETO TODAS AS DIMENSÕES
COM GARANTIA
INFORMAÇÕES: TEL: 282-1049

A GORDA ELEGANTE
CHEGOU A NOVA COLEÇÃO MEIA ESTAÇÃO E INVERNO COM MODELOS INÉDITOS E EXCLUSIVOS.
Visite a maior casa da América do Sul em TAMANHOS GRANDES e viverá feliz e realizada. Temos tudo em roupas TAMANHOS ATÉ 58 para completar a sua elegância. Também modelos joviais para mocinhas. Facilitamos até 4 pgtos. sem acréscimo.
MODAS FADA - Av. Liberdade, 340 - Tel.: 278-1377 - S.P. - Estac. grátis

APOSTILAS LEX CURSO
Procurador do Estado ..... Cr$ 600,00
Escriturário da Caixa econômica Federal ..... Cr$ 300,00
Escriturário do INPS ..... Cr$ 150,00
Supletivo do 1.º e 2.º grau, cada coleção ..... Cr$ 400,00
Magistratura ou promotoria, coleção ..... Cr$ 1.500,00
Aux. escrita do Banco do Brasil 200,00
Rua Barão de Paranapiacaba, 25 - 10.º, esq. Pça. Sé. Tel. 34-9655. C. Postal, 1.497. S. Paulo.

ANACONDA INDUSTRIAL E AGRICOLA DE CEREAIS S/A
MOINHOS ANACONDA
AV. WENCESLAU DE QUEIROZ. 44 — JAGUARÉ
Comunicamos aos nossos, amigos, clientes e fornecedores o nosso novo
n.º de telefone:
PABX: 268-1222

TAUBATÉ
A única opção para V. morar bem.
• Estilo Neo-Clássico
• Mini-Clube (duas piscinas e vestiários)
• Play-Ground
• Três Dormitórios, Suite e dois Banheiros
• Demais dependências
• Garagens individuais
Edifícios:
FRANÇA E INGLATERRA
Rua Boa Vista, 254 - 17º andar. Conjunto 1705 - Fones 36-1543 - 35-9647. São Paulo. Av. Tiradentes, 241 - Taubaté. SP.
Incorporação e Construção ENVIL engenharia e comércio ltda.
Canopus Secovi 351

A morte de Carlos Lacerda

O senhor do verbo e da contradição

Mauro Santayana
Da Sucursal de Belo Horizonte

O julgamento da história é preguiçoso, porque ela tem a eternidade para fazer, ratificar ou retificar o seu veredito. Carlos Lacerda ocupou mais de quarenta anos do tempo nacional. Entre o adolescente que lia, em 1935, o manifesto da Aliança Nacional Libertadora, e o empresário próspero que morre na madrugada de maio de 1977, há um caminho sinuoso, que buscava a verdade nas margens e, aparentemente, não a encontrava. Dominava-o a paixão, e ele foi servidor da paixão. Nele, o raciocínio, que sabia ser brilhante, sempre esteve a serviço da emoção, e a emoção não tem hemisférios. A paixão é volúvel, e se deixa atrair pela sedução do momento.

Em Carlos Lacerda se reuniam os paradoxos do homem público brasileiro que pretende ser intérprete e senhor da nacionalidade. As raízes aristocráticas que se nutriam na madrugada lusitana e a ele chegaram por Sebastião Lacerda, enfrentavam os interesses e concepções da classe média do Rio de Janeiro, que Carlos procurava defender em sua meia-idade. Entre o avô e o neto impunha-se o tribuno socialista, Mauricio de Lacerda, cuja morte foi assistida como um fato crepuscular. Adolescente, Lacerda seguia o pai e, por segui-lo, ligou-se à Aliança Nacional Libertadora. Jovem, ainda influenciado pelas idéias de sua alvorada humana, insurgiu-se contra o Estado Nôvo e ajudou a liquidá-lo. A partir desse momento só o animava uma vontade, só o conduzia um propósito, só perseguia um destino autoatribuído: o de chegar à presidência da República.

Não o conseguiu: o senso comum nacional preferiu ficar com Nabuco, para quem os exaltados são indispensáveis às revoluções, mas com eles é impossível governar. Lacerda era um faminto cívico — mas as diretrizes de seu civismo, e mesmo a sua própria concepção de civismo, eram fundamentalmente pessoais. Não o dispamos, pelo fato inevitável da morte, das vestes de sua ambição. Os pecados e enganos, tão frequentes em sua vida, como suas virtudes, amarravam-se na invencível vontade do poder que o instigava. Para ele, todos os que presidiram à República eram indignos do cargo. *Não havia, no seu juízo perturbado pela ambição, outro homem merecedor do poder* que não fosse Carlos Lacerda.

Quando exerceu o poder, governando a Guanabara, Carlos revelou-se bom administrador. Sem embargo, exerceu o governo com visível "nonchalance": não o satisfazia a tarefa de grande alcaide. Assim como a prefeitura de Vassouras foi cenário apertado para Maurício de Lacerda, a Guanabara era espaço menor para o serviço que pretendia prestar.

Mas Lacerda foi, sobretudo, o senhor do verbo. Nele, a palavra transubstanciava-se. Nenhum orador brasileiro, desde o império, pode transformar, e com tal rapidez, a palavra em ação. Quando escrevia, era brilhante. Quando falava, era inflamante. Conhecedor deste poder, aprimorou-o pela técnica, estudando empostação e dicção. Sua voz se nutria de agressivos tons: elevava-os e os baixava, para adjetivar, com força, a mensagem. Ninguém soube, como ele, empregar a pausa da ironia.

Resta, agora, o mistério. Quem foi realmente Carlos Lacerda? Certa vez, o "show-man" Silveira Sampaio nele identificou o mais coerente marxista brasileiro. Dizia Silveira Sampaio que Lacerda acentuava as contradições, para servir à mudança revolucionária. A opinião pode ser brilhante, mas, nem por isso oferece convicção. Lacerta foi tantos que, agora, no balanço de sua vida, é impossível saber em que ponto do espectro ideológico estava o seu pensamento de base. Liberal, conservador, revolucionário, servidor da reação, autoritário, qualquer adjetivo lhe serve. Talvez porque nenhum deles seja justo.

De todos os depoimentos que foram prestados sobre sua personalidade, o do jornalista e ex-deputado José Aparecido de Oliveira oferece fundo maior para a meditação. José Aparecido falou sobre a dispensa dos homens públicos autênticos do serviço à República. Lacerda era um político brasileiro, com virtudes e pecados do homem brasileiro. Ele e Juscelino eram grandes adversários, mas havia algo que os identificava: a razão do Brasil. Lacerda queria um Brasil dentro de uma ordem determinada pelos seus conceitos pessoais de ordem. Kubitschek queria um Brasil feliz dentro de seus pessoais conceitos de felicidade. Mas ambos pensavam no Brasil. Ambos a ele queriam servir, e ambos *o serviram, cada qual de sua forma. Este sentimento do serviço à Pátria, por cidadãos civis e desarmados*, está tolhido hoje. O poder nacional dispensa tais homens e tais serviços. Dispensando-os, à direita e à esquerda, mandando ao ostracismo Juscilino como Lacerda, o poder se alimentou no engano. Lacerda ajudou a derrubar três presidentes — Vargas (na entrevista com José Américo), Vargas, novamente, em agosto de 1954, Jânio, em agosto de 1961 e João Goulart. Mas não conseguiu seu objetivo único: o de chegar à presidência. De uma certa forma, Lacerda foi vítima de sua própria pregação. Advogou o emprego da força, e a força a ele se opôs.

É possível que, chocado com o que a força pode fazer, se tenha arrependido. O diálogo dele com Juscelino e Jango, em busca de uma frente ampla democrática, fica como um saldo no inventário cívico que dele irão fazer. Os homens, normalmente, retornam à juventude, quando a idade amadurece. Não deixa de ser uma evidência de tudo isso o último livro que publicou, sobre a casa de Sebastião Lacerda. Encantado com as fotos de seu filho, produziu um maravilhoso poema sobre as quaresmeiras de Petrópolis, e a encantadora evocação da infância na última obra. Recentemente, ao editar o livro de Carlos Castello Branco, "Os Militares no Poder", subverteu os costumes (e Lacerda foi sempre subversivo), autografando o primeiro exemplar para o autor. Na dedicatória, Lacerda fala da "amizade traumática" que teve com o brilhante jornalista político. E subscreveu, no adjetivo, sua vida. Foi uma vida traumática, conduzida com choques e por choques.

Carlos Lacerda em 1965, quando a sua estrela política começava a empalidecer.

A Frustração do Escritor

Nogueira Moutinho

Nas primeiras linhas desse extraordinário livro de memórias que é "A Casa do Meu Avô", Carlos Lacerda afirma não saber se ainda lhe restará tempo para escrever o romance essencial, o famoso livro que se prometeu deixar ao mundo, antes de morrerem o mundo e ele. Efetivamente, tempo não lhe sobrou para fazê-lo. "A Casa do meu Avô", porém vale por um testamento, não só literário como humano.

Folheando-o, agora que seu autor já desertou o mundo dos vivos, sinto nessas *páginas tão ardentes, tão vivas, uma espécie de frêmito, de apreensão*, de pressentimento do fim. É um livro escrito apressadamente por alguém que sabe que está próximo da morte e que se empenha em deixar um testemunho definitivo. Lacerda tinha uma dívida para com esse tão ilustre que fôra seu avô, o magistrado Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda, senhor da chácara de Vassouras, e a quem, afirma, em menino foi doado como uma pequena capitania. Foi ao lado desse personagem, ao seu exemplo, que a personalidade de Carlos Lacerda se formou. Faltaria portanto uma pedra essencial em sua trajetória se essa dívida de gratidão não fosse resgatada. Escrevendo seu derradeiro livro, imortalizou o avô ao mesmo tempo em que dotou a literatura brasileira de um livro cujo valor é inestimável.

Ainda no último domingo, no artigo que sobre ele escrevi, acentuei o aspecto acendradamente brasileiro do relato. O que Lacerda recupera é uma dimensão do Brasil totalmente desaparecida, preservada na época de sua infância por homens como Sebastião Lacerda e em casas como a chácara de Vassouras, lírico território amorosamente tombado pela saudade.

Morrendo aos 63 anos, dois apenas mais velho do que o avô desaparecido em 1925, Carlos Lacerda encerra sua carreira de escritor com um texto definitivo e plenamente amadurecido. Escreveu-o, como ele mesmo o diz, "no tempo da descida, tempo tão esperado e tão temido." Daí o tom melancólico de páginas sobre as quais perpassa como asa que se aproxima célere, o pressentimento da morte.

Embora a atividade política, o jornalismo, a tribuna houvessem absorvido toda sua vida, Lacerda foi também escritor. Suas melhores páginas na imprensa estão reunidas em livro, "O Cão Negro", graças a uma seleção feita, a pedido do autor, por Antonio Carlos Villaça, que realizou prodigiosa pesquisa na colaboração prestada através de anos a fio a vários jornais, desde o início no "Diário de Notícias". Seu primeiro trabalho literário, uma peça teatral, "O Rio", aparece em 1943. Muitos anos se interpõem até a publicação, em 1959, de "Xanan e outras histórias", volume de contos. É um narrador de qualidade invulgar, embora não seja a imaginação o campo adequado para alguém que a polêmica e as idéias apaixonam. Em 1966 reúne em "Uma rosa é uma rosa" algumas crônicas divulgadas em jornal. Seu pensamento político está enfeixado em "O Poder das Idéias" (1963) e "Crítica e Autocrítica").

Em 1975 aparece, lançado por sua própria editora, a "Nova Fronteira", outra antologia de páginas jornalísticas, com o título de "Em Vez". Essa coletânea nada tem de político, reune somente reflexões sobre temas humanos, perfis de amigos, ensaios sobre personalidades, recordações de companheiros mortos. São capítulos que revelam um ser sensível, delicadíssimo ao debruçar-se sobre outros seres de eleição. Recordo-me de alguns desses textos notáveis, como o discurso pronunciado no cinquentenário de Virgílio Melo Franco, revolucionário ao lado de Maurício Lacerda, em 1930; o elogio de José Lins do Rego, proferido na Câmara Federal por ocasião da morte do romancista em 1957; a homenagem comovidíssima a Lúcia Miguel Pereira e Otávio Tarquínio de Sousa, tragicamente perecidos em 1959: "Ultima rosa para Lúcia e Otávio".

Talvez a vocação profunda desse homem que atravessou a vida agitado pelos mais ásperos ventos da política, que se empenhou em lutas aspérrimas, consumindo seu talento na polêmica e na controvérsia, fosse realmente a poesia, pois o que lhe marca fundo a existência é o traço basicamente intelectual em todos os gestos.

"Quem for incapaz de um desvairo, resistente a todo esforço de imaginação, restrito e conforme às regras pré-estabelecidas, não entenderá nada da casa do meu avô, tão arrumada e tranquila na sua disposição externa e no seu ramerrão, no entanto agitada na alma, na ansiedade das pessoas que dali partiram para a vida" afirma Lacerda em seu último e grande livro. É a si mesmo que o escritor está aludindo nesse parágrafo tão pejado de intenções e que agora, com sua morte, soa como o epitáfio mais adequado ao ser que ele foi.

Na sua 'Tribuna', um inimigo do imobilismo

Rubens de Azevedo Lima
Da Sucursal de Brasília

Em 1959, definida a candidatura do general Teixeira Lott à presidencia da República, com o apoio do então presidente Juscelino Kubitschek, o deputado Carlos Lacerda, líder da extinta UDN, na câmara, engaja-se na sustentação da candidatura Jânio Quadros, governador de São Paulo, a fim de somar as forças oposicionistas ao governo federal.

Pela mão de Lacerda, Jânio foi levado a conhecer o jornal do parlamentar udenista, a "Tribuna da Imprensa". Odilo Costa, Filho, chefe de redação, Hermano Alves, Ledo Ivo, Macedo Miranda, Zuenir Ventura, Newton Carlos, a caricaturista Hilde, Mario Franqueira, Murilo Melo Filho, Neil Hamilton, Ely Azevedo, Araújo Neto, D Rosse Cavaca, Artur Paraíba, Cirdes Goes, José Costa, João Duarte Filho, Stefan Baciu, Bandeira Tribuzi, este reporter, revisores, redatores e outros jornalistas, num ambiente de grande animação, esperavam Jânio e Lacerda. De repente, chegam os dois. Lacerda faz as apresentações. Ele e o futuro presidente tem os olhos inquietos, brilhantes, e não conseguem parar mais de alguns instantes, diante de cada jornalista.

"Estes dois não vão ficar juntos muito tempo" — comenta Macedo Miranda.

D Rosse Cavaca, sobrinho da mulher de Lacerda, dona Letícia, doublê de jornalista e datiloscopista, diz que os dois "dariam muita piada, mas são daquelas pessoas de quem alguém conseguiria tirar as respectivas impressões digitais".

Lacerda ouve o final do comentário, ri amarelo, meio de lado, como nas caricaturas que lhe faziam, nas quais aparecia personificando na imagem de um corvo.

Eram, de fato, dois furacões e Lacerda, a "ave", como o chamávamos na redação, teria, pouco depois um sério atrito com Jânio. A inquietação permanente de Carlos Lacerda criou não poucos problemas com o pessoal da Tribuna.

Diariamente, ao chegar, atravessava as salas da redação em passos largos, cumprimentando, com sua voz treinada por Ester Leão, toda a equipe. Detinha-se na mesa do secretário de redação, para passar os olhos sobre as matérias já redigidas e prestes a descerem à oficina.

UM BELO DIA, A EXPLOSÃO

"Quem reviu isso?"

A palavra "isso" tinha um inconfundível acento de asco. Nós, os "copydesks" nos levantamos para conferir a rubrica. "Quem fez essa porcaria?" — insistiu Lacerda.

Macedo Miranda reconheceu a própria rubrica, mas, digno e sereno, não disse uma palavra. Apanhou o paletó no espaldar da cadeira, vestiu-o e se retirou. Nunca mais voltou. Lacerda acompanhou, perplexo o gesto do amigo e fez o que pode para que o romancista retornasse à Tribuna. A explosão se dera por motivo fútil: Lacerda não dispensava, na titulação de cada matéria, o emprego do verbo, como também não admitia que chamassem a Rússia de URSS. E Macedo, distraidamente, incorrera nas duas faltas. Durante vários dias, o peso da culpa vincava o rosto de Lacerda e ele passava pela cadeira vazia de Macedo sem sequer olhá-la, de tão perturbado.

Seu estilo na redação, porém, era a lhaneza no trato, mas com estabanamento. Vez por outra, ele propunha uma reformulação geral no arranjo da mobília, alegando que o jornalista, "parado excessivamente numa situação, corria o risco de mumificar-se". "As manchas na parede — dizia Lacerda — acabam passando para o papel, de tanto que o reporter tende para o imobilismo e a acomodação."

Ele próprio, quando propunha a nova arrumação, arregaçava as mangas, arrastava mesas e cadeiras e, no final, extenuado, nem forças tinha para dirigir-se a seu gabinete. Sentava-se a qualquer mesa e, com dois dedos, num ritmo alucinante, escrevia cinco laudas de seu artigo da quarta página. Depois, balbuciando palavras ininteligíveis, passava, como dizia, "a razoura sobre o que fora feito, reescrevendo, a tinta, numa letra difícil de decifrar, parágrafos e mais parágrafos."

"QUE DIABO: POR QUE A HISTÓRIA DE PORTUGAL?"

Este reporter, exatamente há vinte anos, decidiu concorrer a um programa de televisão de muito sucesso na época: "O céu é o limite", conduzido por J. Silvestre. O assunto escolhido, aparentemente, causou grande surpresa: a história de Portugal. Lacerda sempre teve, por Portugal — e, lamentavelmente, na ocasião, não separava o país da ditadura que o dirigia — grande carinho. No dia seguinte ao de minha primeira aparição no vídeo, chamou-me a seu gabinete.

"Que diabo: por que a história de Portugal?" — indagou.

Expliquei-lhe que meu pai, antigo deputado, fora exilado, com o advento da ditadura Vargas, para Portugal, permanecendo naquele país mais de um ano, até ser anistiado. Nesse período, toda a família ficara no Rio e quem se incumbiu de nos manter foi um avô português, de origem humilde."

Meu pai e o de Lacerda, Maurício Lacerda, tinham sido deputados juntos, representando, ambos, o antigo Distrito Federal.

"Então — disse-me ele — a partir de agora, você não precisa mais trabalhar, enquanto estiver na televisão."

Durante três meses, até a desistência final, ele não deixava de telefonar, no dia seguinte de cada programa, para os cumprimentos.

Ao mesmo tempo em que tomava estas atitudes, Lacerda era capaz da raiva contida, só para não causar maiores prejuízos a seus eventuais desafetos. Alguns repórteres, cujo estilo ele admirava, eram alvo de recomendações especiais. José Machado, por exemplo, que nem sempre realizava as tarefas para as quais era destacado, acabou sendo sempre designado para missões de natureza cultural — cobertura de conferências e exposições — por castigo.

Indicado para cobrir palestra de Augusto Meyer, sobre Machado de Assís, na Academia Brasileira de Letras, o reporter esqueceu-se da missão. No dia seguinte, quase de madrugada, com um livro de Augusto Meyer sobre o escritor, o jornalista "fabricou" a palestra, que saiu publicada no caderno cultural. Simplesmente, por motivo de força maior, Augusto Meyer não realizara a palestra e Lacerda indignou-se com a "barrigada."

"CÃO RAIVOSO ATACA PRÊMIO NOBEL

Dali a dias, no cumprimento da missão punitiva, Machado é mandado "cobrir" a conferência de cientista estrangeiro, detentor de prêmio nobel, sobre males congênitos da estrutura óssea. Combinado com o fotógrafo, ante a chatura do desdobramento técnico da palestra, como todos os jornalistas já se haviam retirado, o reporter apanha um cão vadio e o atira sobre a mesa de conferências, causando enorme susto no conferencista, mas provocando, no dia seguinte, a curiosa manchete: "cão raivoso ataca prêmio nobel" que Lacerda jamais perdoou.

O gosto pelas manifestações culturais de cunho popular, como a própria música, levou Lacerda a exigir, da secretaria de redação da Tribuna de Imprensa, que montasse uma série de entrevistas com velhos compositores e cantores, como Caninha, Donga, Gastão Formenti, Pixinguinha e outros, entre os quais seu amigo pessoal, Mário Reis. Apesar da série de ocupações que então exercia, nunca lhe faltou tempo para criticar cada reportagem.

Na Tribuna, todos lhe admiravam a inteligência e a capacidade de trabalho. No dia em que o então chefe de polícia, general Amauri Kruel, esbofeteou, na chefatura, o então deputado Menezes Cortes, líder da minoria, seu companheiro de UDN, Lacerda, sozinho, reescreveu a primeira página e o artigo de fundo.

Apesar de admirado, Lacerda não recebia, como candidato a deputado federal, os votos de sua equipe, embora fizesse jus ao apoio de personalidades influentes, como o poeta Manuel Bandeira.

Bandeira por sinal, deu ensejo a que Lacerda, em sua atividade parlamentar, pronunciasse um dos mais eruditos discursos de todos os tempos. O governo, na época, pretendia fazer aprovar, no Congresso, projeto que criava o Conselho de Estado, dando a situação de conselheiro a todos os ex-presidentes. Lacerda articulou a resistência à iniciativa. A maioria parlamentar organizou a ordem do dia de modo a permitir que o Conselho fosse aprovado. Em primeiro lugar da pauta, colocou um projeto do próprio Lacerda, concedendo a Bandeira a cátedra de português, no colégio Pedro II. No segundo item da pauta, estava o projeto do Conselho. A estratégia era pedir verificação de votação para o projeto Bandeira, concedendo número regimental. Pelo regimento, feita uma verificação, outra não seria possível, no curso da sessão. Lacerda percebeu. Falou, nesse dia, durante cinco horas, discorrendo sobre poesia desde as "Canções de Amigo", passando por Luís Camões, Fernando Pessoa até chegar a Bandeira. A obstrução surtiu efeito.

A LUTA NA CAMARA

Muitas de suas intervenções parlamentares mais agudas eram resolvidas entre o instante em que deixava a Tribuna e se dirigia à Câmara, no começo da tarde. O caso da compra de máquinas Murray, pelo Ministério do Exército, durante o governo Kubistchek, é um exemplo.

O assunto fora levantado pelo então jornalista da Tribuna, hoje deputado Amaral Neto. Era extremamente complicado. Desejoso de abordar o problema na Câmara, Lacerda chama Amaral e lhe pede que conte em duas palavras. "Faça-me — propõe ele — o resumo da ópera e traduza o libreto". Após dez minutos, ele se deu por satisfeito. De tarde, nos debates, Lacerda parecia dominar o assunto por inteiro.

Processado uma vez por uso de documento secreto do Itamarati, a Câmara pretendeu cassar-lhe o mandato. Numa defesa que varou a noite e emocionou os parlamentares, Lacerda fez com que a tentativa frustrasse, saindo da Câmara aclamado pela multidão.

Da Tribuna, ele também saía, à noite, com Afonso Arinos, para os comícios de rua, no chamado "Caminhão do Povo". "Professor — pedia ele a Arinos — voto não se conquista com paletó e gravata. Por favor: arregace as mangas e vamos em frente"

O episódio da carta Brandi — um documento que se atribuia a João Goulart, para mostrar vinculações do governo brasileiro com Peron, agitou o País, através de denúncias da Tribuna da Imprensa. Segundo João Duarte Filho, quando ficou claro que o documento parecia falso, Lacerda não se perturbou, visto que o interesse jornalístico fora suplantado pelo interesse político.

"E daí — indagou Lacerda a João Duarte — quem tem de provar que é falso não sou eu".

Para os admiradores, Lacerda era, no entanto, um homem sem falhas. O líder da maioria na Câmara, deputado José Bonifácio, seu antigo companheiro de UDN, diz que o ex-representante carioca foi o maior tribuno que o parlamento brasileiro já teve.

Mas Lacerda, depois da ruptura com Jânio, mereceu, deste, uma observação lacrimoniosa: "Tenho pena do Carlos. Ele não consegue colocar tijolo sobre tijolo. Já destruiu tanta gente e vai acabar destruindo-se ele próprio".

HABITAÇÃO: "Somos um povo criativo".

Rápida enquete feita na capital paulista mostrou que, ao lado de uma grande oferta imobiliária (fala-se em 35.000 apartamentos novos), não existe uma proporcional variedade de escolha. No campo das unidades menores o problema é mais evidente. Um executivo solteiro, ou casado sem filhos, dificilmente encontra uma solução conveniente em termos de categoria, conforto, preço, localização.

Poucas variantes surgiram depois dos malfadados "pombais". Talvez o advento do quarto/sala comum tenha viciado o mercado. E não deveria acontecer isso, afirma uma autoridade em arquitetura, "Afinal, somos um povo criativo". Esse contexto levou uma construtora de fôlego a optar por uma nova solução, ao que se sabe, até agora inédita: o duplex sala/dormitório. A pesquisa antecipou o sucesso do empreendimento. O edifício, Lotus Major, bem localizado no centro (**Rua Major Diogo, 801**, junto à Brigadeiro) oferece uma planta original. Na parte superior dos apartamentos fica a sala de 2 ambientes e a cozinha. Na parte inferior o grande dormitório, banheiro completo e área de serviço. A aceitação está sendo enorme, afirma a Construtora Arapuã, (tel.: 35-4473).

Ela informa que jovens casais e executivos, muitos utilizando os seus FGTS, estão visitando o apartamento decorado e comprando o edifício inteiro. O financiamento, além da solução normal (15 anos pelo BNH) também tem uma opção original: financiamento direto pela Construtora Arapuã, sem comprovação de renda, em 60 meses.

A morte de Carlos Lacerda

"Empurrou o seu tempo pelas próprias mãos"

Luis Ernesto Kawall, jornalista de São Paulo: "Conheci Carlos Lacerda em 1947, quando estudante de jornalismo. Ele viera fazer palestra na Faculdade de Direito, sobre a Missão da Imprensa, e eu, ingenuamente, quis pegar a sua palestra escrita para publicar na "A Gazeta". Fizemos amizade desde logo e, de lá para cá, Lacerda foi para mim amigo e chefe, paraninfo e conselheiro, padrinho e quase-pai. Trabalhei durante 15 anos na "Tribuna da Imprensa". E em sua campanha ao governo da Guanabara e como candidato a Presidente da República. Convivi com o homem e o homem público, conheci as manhas do político, a competência do jornalista, o brilhantismo do escritor, a genialidade da figura, que, às vezes, beirava à obsessão delirante. Nenhum outro brasileiro maior, e melhor dotado, em seu tempo. Superior a Rui, comparável a um Kubitschek na ação incomum e opositor contumaz e construtivo. Lacerda empurrou o seu tempo pelas próprias mãos, pelo talento e pela inteligência, pela sensibilidade e ardorosa vontade de criar. Devassou lembranças e arquétipos, tentou fazer da vida o equilíbrio do possível e do imaginável. Há 10 dias, no Rio, achei-o bravo, triste e desencantado, com a crise e a burrice nacional. Vi a palidez letal em seu rosto e pressenti a sua morte. De lá para cá, como nos últimos 30 anos, recebi dois bilhetes seus, e a impressão se confirmava. Não era o mesmo Lacerda, buscava já o imponderável e o incompatível, o outro ser vago, sem voz e sem corpo, distante e etéreo, como chamou a Morte, em seu último livro-testamento, "A casa de meu avô". Lacerda ocupou um espaço muito grande, na alma do povo e na vida nacional, tão grande, que ninguém neste século preencherá jamais. O obra que fez, embora a considerasse infinitamente pequena, *é obra de um predestinado, de um idealista, de* um líder e de um amoroso. Paz à sua alma."

"Um homem traído pelo destino"

Paulo Pinheiro Chagas, ex-ministro da Saúde do governo João Goulart: "Foi um homem traído pelo destino. Num regime democrático normal, não tenho dúvidas de que seria presidente da República. Lacerda deixa um vazio difícil de ser preenchido na intelectualidade brasileira. Foi o maior orador, o maior tribuno que já passou pela Câmara dos Deputados desde a época do Império. Era jornalista brilhante, político de oceano largo, homem de grande bravura pessoal e escritor dos maiores que o Brasil conheceu. Foi um dos elementos mais atuantes e decisivos na derrubada do governo ditatorial, mas seria exagero dizer que Lacerda levou Getúlio Vargas ao suicídio. O próprio Getúlio reconheceu que a corrupção dos que o cercavam é que o levou à renúncia".

Padre Godinho, ex-deputado federal cassado: "Ele foi meu irmão".

José Aparecido de Oliveira, ex-assessor de Magalhães Pintos, ex-secretário de Jânio Quadros e ex-deputado federal cassado: "Lacerda foi um homem público assistido pela força da paixão. Sua morte adverte-nos, nesta hora, de que o País continua podendo dispensar as personalidades mais fortes da história contemporânea de seu serviço público. Isto é uma coisa particular em nossa hitória contemporânea".

Fabrício Soares, ex-deputado da ala liberal da UDN: "A maior homenagem que lhe poderia prestar seria o meu silêncio. Embora tenha formado a seu lado na campanha contra o Estado Novo, dele cada vez me distanciei mais, à medida em que ele caminhava do centro para a extrema-direita. Foi por coerência a essa atitude que renunciei a um mandato de deputado estadual em 1958, abandonando a UDN.

Um encontro com Jânio, em Londres, em agosto de 1959, para tratar da campanha presidencial.

"Não lhe faltou grandeza", diz Jânio Quadros

Lembrando que só a história poderá julgar melhor os atos de Lacerda, o ex-presidente Jânio Quadros falou ontem sobre a personalidade do ex-governador da Guanabara. Tomando do cuidado para evitar ambiguidades em suas declarações, afirmou:

"Do governador Carlos Lacerda conheço mais os efeitos do que as causas. A impressão que colhi da nossa convivência tumultuada é a de um homem contraditório, capaz de vôos de condor e mergulhos de martins-pescadores. *Excepcionalmente inteligente, vivaz, erudito, tribuno terrível, administrador seguro, como o* prova o Rio de Janeiro, deixava-se, não obstante, empolgar pela paixão que o levava até o desvario.

"Nunca privei de sua intimidade, por isso conheço pouco as causas de Lacerda. Mas ao lado da própria grandeza senti, na minha pele, e o país também, os efeitos dos excessos que o arrebatavam. Todos sabem que, prefeito da capital, liguei-me por estima e admiração profundas à figura do presidente Getúlio Vargas, o que já era um obstáculo para o relacionamento mais próximo.

"Adiante um pouco, promovi a candidatura de Juarez Távora, que o Carlos comprometeu com virulentos artigos e, afinal, já na presidência, fui acusado, na calada da noite, de procurar implantar a ditadura. Renunciei então, para evitar derramamento de sangue, o que seria inevitável pelas medidas repressivas que teria de adotar.

"Mas Lacerda, como já disse, era um homem contraditório, de atos singulares, marcados pelo seu civismo exuberante. (E Jânio conta como se deu a reconciliação entre ele e o ex-governador): Certo dia me apareceu à porta, dizendo que vinha à Canossa para contrição. Recebi-o, mais à esposa, dona Letícia, e almoçamos juntos, discutindo o presente e o futuro e o que importa ao nosso país e a seu povo: Vir à Canossa é pedir perdão", explicou Jânio.

"Se fizermos um balanço, penso que todos nós lhe somos devedores, por causa dos ideais que o alimentavam, irrelevados os excessos verbais ou de comportamento. O que o inspirava, ainda que discordemos dos processos, era a implantação de uma democracia autêntica, com a participação popular em governos austeros, representativos e eficientes. Em outras palavras, não lhe faltava grandeza nos sonhos e na alma.

"Morreu como viveu: pelo coração", concluiu Jânio.

"Esse jornalista passará à História"

Aliomar Baleiro, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, companheiro de bancada udenista de Carlos Lacerda na Câmara Federal:

"No momento em que recebo a notícia dolorosa, como vêem em tropel em minha mente muitos acontecimentos vividos com Carlos Lacerda. Durante muito tempo fomos amigos e companheiros e as divergências episódicas, eu as credito às diferenças de avaliação de momentos e de circunstâncias.

"Mas essa não é hora para julgá-lo.. Sua combatividade infatigável, ao longo de sua vida de homem público, há de ser reconhecida por todos e seu vulto emergirá com a grandeza das grandes figuras. Pertencerá à História esse jornalista, esse político, esse homem de ação, esse homem Carlos Lacerda".

General Afonso de Albuquerque Lima, ex-ministro do Interior:

"Num momento de tristeza as palavras nada significam, apenas não se pode deixar de falar em revolução sem citar o nome de Carlos Lacerda".

Para Nei, era um homem de coragem

Nei Braga, ministro da Educação: "Recebi a notícia da morte de Carlos Lacerda com profunda consternação. Fui seu amigo e nele sempre identifiquei grandes qualidades como homem e político. Carlos Lacerda marcou sua passagem na vida política do Brasil, como um dos parlamentares mais combativos. Sua vida pode ser vista sob vários ângulos, dos quais se destacam a inteligência, a cultura e a coragem. Isto ele demonstrou no jornalismo como deputado, governador do então Estado da Guanabara e na intensa atividade partidária".

Alencar Furtado, líder do MDB na Câmara. "Lacerda foi o destemor feito homem. Feria e feria-se no combate. Vivia lutando. Construía e demolia. Viveu mais na guerra que na paz. Talento incomum. Inteligência privilegiada. Ousava ser. Por isso, muito acertou, por isso muito errou. Pró-homem do Movimento de março de 64, foi cassado e banido da vida pública. A Nação põe luto por ele".

Fernando Lira, vice-líder oposicionista: "Sem Lacerda dificilmente teria havido o Movimento de 1964. Hoje, ele morre cassado por esse Movimento que ajudou a fazer, e com ele desaparece a última liderança do País nesses tempos. Em horas como esta é fácil constatar quanto é mesquinha a suspensão de direitos políticos".

Itamar Franco, vice-líder do MDB no Senado: "Lacerda era um homem que, quando acreditava numa coisa, usava toda sua inteligência, toda a sua capacidade de trabalho e o seu coração na busca de seu objetivo. Numa época em que há muitas janelas fechadas, muitos homens adormecidos, o seu exemplo ficará como e emplo de um homem que jamais se acomodou".

Tales Ramalho, secretário-geral do MDB: "Foi um grande jornalista, um grande parlamentar, um grande governador e era uma das mais poderosas inteligências que eu já conheci. Sua atuação na vida pública do País foi muito polêmica, mas, *indiscutivelmente, pela própria força do seu temperamento*, ele não apenas participava dos acontecimentos. Quase sempre os liderava. A Frente Ampla, que ele articulou, foi um movimento pacífico que se destinava a mobilizar a opinião nacional pra conscientizá-la da imperiosa necessidade de fazer o Brasil retornar á plenitude democrática e esse movimento já ocorreu há dez anos".

Paulo Brossard, senador do MDB: "Com a morte de Carlos Lacerda, fica mais rarefeita a cena política, da qual ele fora afastado há alguns anos pelo confisco de seus direitos. Morreu como um exilado em seu próprio país. Era um expartriado dentro do Brasil. A seu respeito eu teria que falar por muitas horas, por causa de sua influência na vida nacional. "Lacerda foi um político brilhante, uma das figuras mais destacadas que a Nação já teve. Tratava-se de um jornalista excelente, podendo ser comparado a Evaristo da Veiga, pela influência que exerceu em determinados acontecimentos. "Não tenho palavras senão de tristeza para lamentar o desaparecimento ocorrido numa fase de tantas dificuldades e tantas apreensões em que vivemos. Ele vai fazer falta ao nosso País".

Teotônio Vilela, senador da Arena: "Foi com profunda dor que recebi a notícia do falecimento do jornalista Carlos Lacerda. Como cidadão que era, governante, escritor e jornalista, foi uma figura exponencial neste País. Creio que a história lhe fará justiça, pois, além de ser um bravo, Lacerda foi a maior inteligência que conheci na minha geração".

Hebert Levy, deputado federal da Arena: "Na homenagem que a Câmara Federal vai lhe prestar, quero ser o orador. A ele devem ser prestadas todas as homenagens. Fomoo companheiros de todas as lutas até 1964. Ele era o grande líder da Revolução. Acho que a Revolução foi profundamente injusta em cassá-lo. Embora estivesse errado, cabia a nós recuperá-lo e não colocá-lo á margem da vida política".

Nina Ribeiro, deputado federal da Arena: "Perde o Brasil um democrata na acepção completa do termo. Carlos Lacerda foi um gigante em talento, coragem e idealismo".

Nota de Egídio manifesta pesar

O governador Paulo Egídio distribuiu nota em que afirma:

"O Brasil perde, com morte de Carlos Lacerda, uma das maiores expressões de sua história política contemporânea. São Paulo lamenta, também, o desaparecimento de um talento e de uma cultura do mais alto valor."

Cardeal lembra o administrador

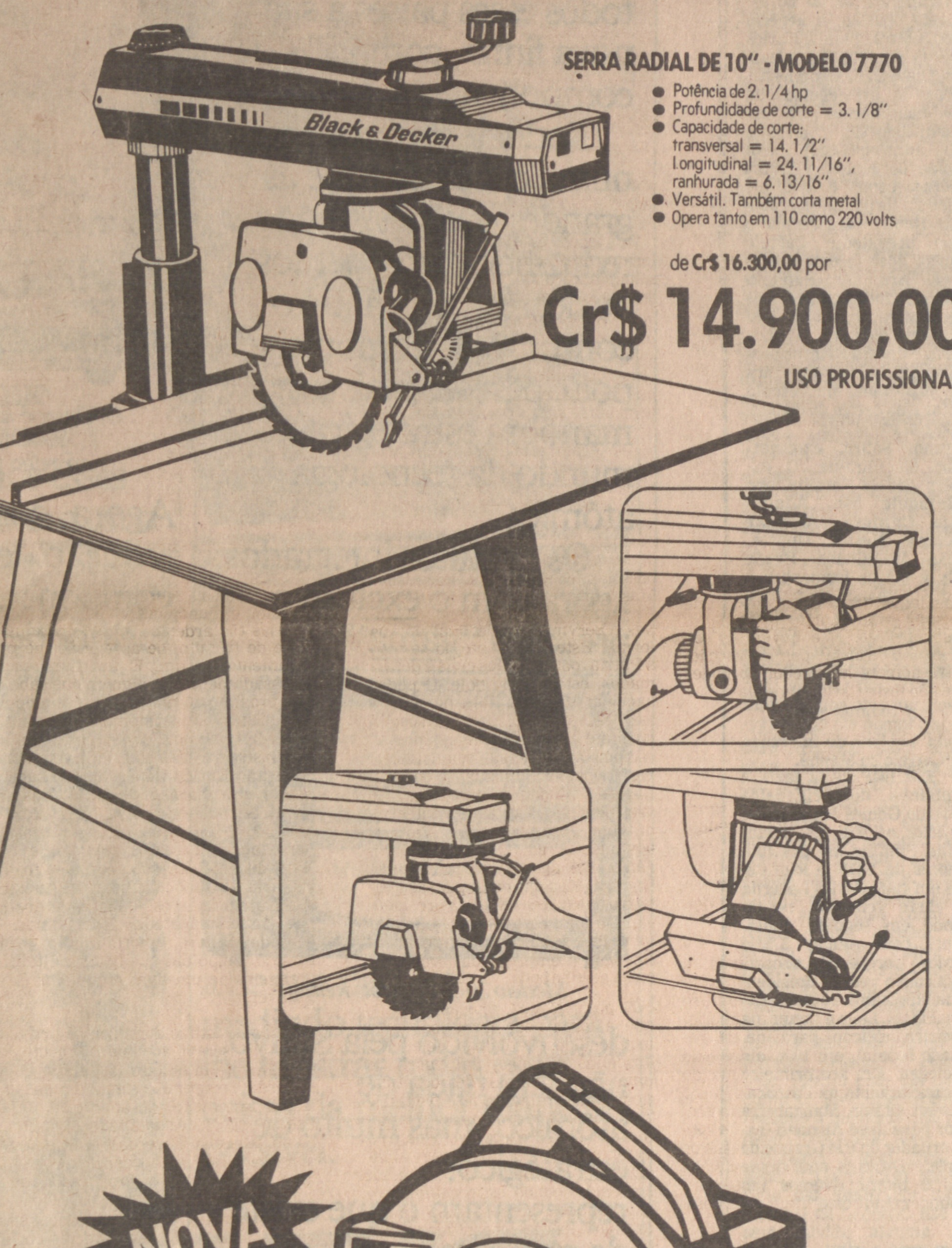
D. Eugênio Sales, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro: "Eu venho como brasileiro prestar minha homenagem a um grande cidadão que serviu tanto à Pátria e tanto fez pela nossa cidade. Venho como pastor da diocese rezar pelo cristão que é chamado à casa do pai, que é a homenagem do pastor a seu filho".

PARAPSICOLOGIA

De 6 a 10 de junho, S. Paulo estará sediando a II Prévia do I Congresso Internacional de Parapsicologia no Brasil, com a presença de cientistas do exterior, no Auditório da Fundação de Rotarianos (Col. Rio Branco), Av. Higienópolis, 996, horário noturno. TRADUÇÃO CONSECUTIVA

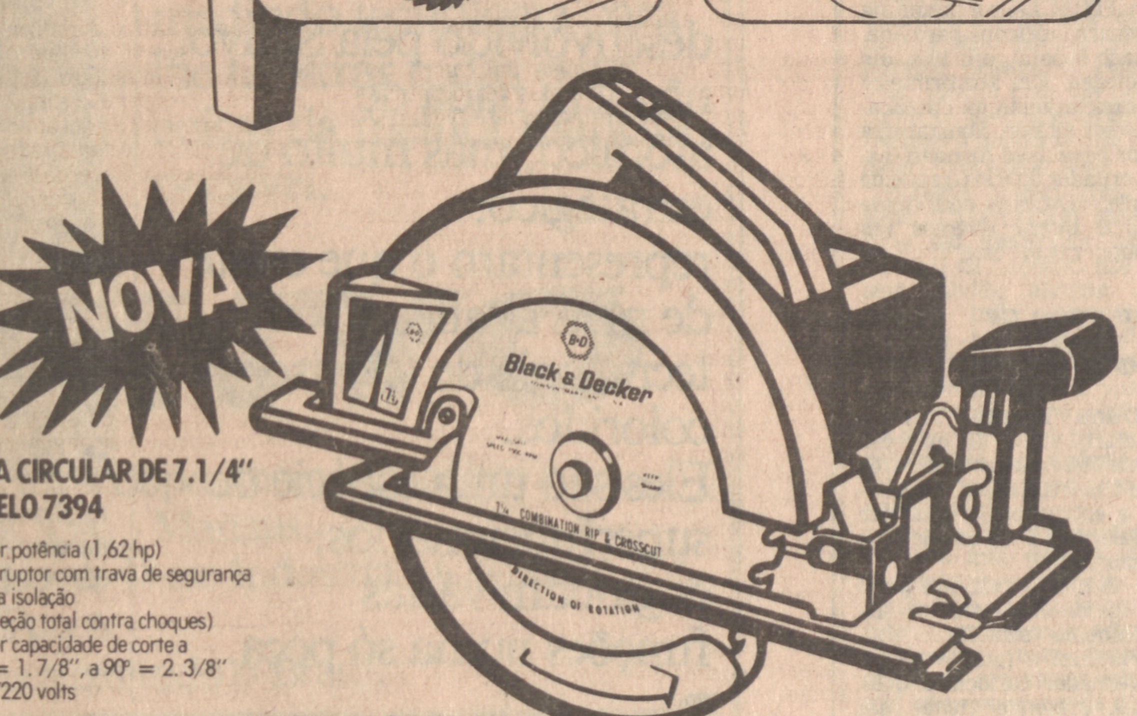
Informações e Inscrições nas lojas HOBJETO COLORCENTER (não use tel.): Faria Lima 960; Faria Lima, 679; Augusta , 398; Shopping Center Ibirapuera (loja Hobjeto); Av. Sumaré, 1330; Conselheiro Crispiniano, 28; Maria Antonia, 90; Barão de Itapetininga, 50, s / 121 (loja Colorcenter); Shopping Center Iguatemi (loja Colorcenter); Shopping Center Lapa (loja Colorcenter) E Shopping Center Superbom (loja Colorcenter) (Turiassu). Também no IBIP: Rua Parintins, 83. Taxa única de inscrição: Cr$ 380,00 Busque seu programa.

ATENÇÃO
marceneiros - carpinteiros
indústria da madeira
a BLACK & DECKER oferece:



SERRA RADIAL DE 10" - MODELO 7770
- Potência de 2. 1/4 hp
- Profundidade de corte = 3. 1/8"
- Capacidade de corte: transversal = 14. 1/2" Longitudinal = 24. 11/16", ranhurada = 6. 13/16"
- Versátil. Também corta metal
- Opera tanto em 110 como 220 volts

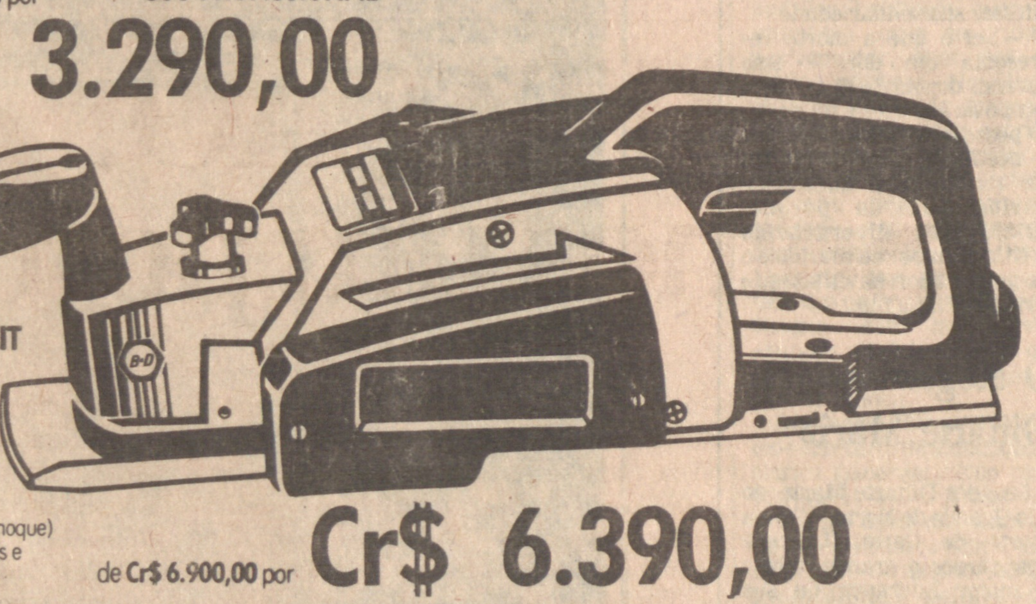
de Cr$ 16.300,00 por
Cr$ 14.900,00
USO PROFISSIONAL



NOVA

SERRA CIRCULAR DE 7.1/4"
MODELO 7394
- Maior potência (1,62 hp)
- Interruptor com trava de segurança
- Dupla isolação (proteção total contra choques)
- Maior capacidade de corte a 45º = 1. 7/8", a 90º = 2. 3/8"
- 110/220 volts

de Cr$ 3.650,00 por
USO PROFISSIONAL
Cr$ 3.290,00



PLAINA KIT
MODELO 80/PLA-KIT
- Potência de 1,22 hp
- 18.000 rpm
- Capacidade de corte: largura = 3. 1/8",
- espessura = 1/8"
- Dupla isolação (proteção total contra choque)
- Equipada com acessórios e estojo de metal

de Cr$ 6.900,00 por Cr$ 6.390,00
USO PROFISSIONAL

ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PERMANENTE EM TODO BRASIL

o melhor em ferramentas elétricas para madeira
Black & Decker DO BRASIL

Demonstrações gratuitas de 2.as a 6.as feiras das 15:00 as 18:00 horas, na Rua João Cachoeira, 1351, bairro do Itaim-Bibi, Capital
Fones: 240-6235 - 61-7694 - 61-2910

ACCB

pizzimenti
ESMERILHADEIRAS BOSCH
RUA CARNEIRO LEÃO, 127 - SP
TELS.: 279-5111 E 279-9417

CASA DE REPOUSO
E GERIATRIA PLANALTO PAULISTA
Convalescentes e idosos. Assistência Médica permanente. Consultas especializadas.
Rua Afonso Mariano Fagundes, 136 — Tel. 275-0956.
Dir. Clín. Dr. Samuel Schifnagel — CRM 6666

HOSPITAL DO CORAÇÃO
Diretor Geral:
DR. ADIB DOMINGOS JATENE
Unidade Coronariana
Clínica e Cirurgia Cardiovascular
Hemodinâmica
Raios-X, Atendimento Domiciliar - Remoções.
Rua Desembargador Eliseu Guilherme, 111 - Tel. PBX - 287-9944 - Capital

A morte de Carlos Lacerda

"Candidato certo dos militares"

Enaldo Cravo Peixoto, ex-secretário de Obras Públicas do Governo Carlos Lacerda:

"Inicialmente devo dizer que desapareceu um dos homens mais inteligentes do Brasil. Foi um grande governador, inaugurando um novo estilo de administração em nosso Estado. Mudou a face do Rio, construindo o túnel Rebouças, o Parque do Flamengo e acabou com a falta d'água com a construção da adutora do Guandu, obra de uns 100 milhões, inteiramente realizada em seu governo. Foi um mau político e se não o fosse, teria sido presidente da República. Acredito que a sua cassação tenha sido consequência direta de sua incontinência verbal. Como pode dizer o senador Luis Viana Filho, Carlos Lacerda era o candidato de Castelo Branco. O próprio general Ulhôa Cintra, enteado do marechal Eurico Gaspar Dutra, convidou Carlos Lacerda uma vez para tomar um cafezinho na Vila Militar e ambos conversaram até as 20 horas. Naquela ocasião, o general Ulhôa Cintra disse a Carlos Lacerda que ele era o candidato natural das Forças Armadas à presidência da República, porque era um homem honesto, correto e bom administrador. Em seguida perguntou a Carlos Lacerda como é que ele pretendia tornar-se presidente da República atacando o então presidente Castelo Branco, líder incontesto das Forças Armadas. Explicou então que todos os generais da sua geração tinham três coisas em comum: a topografia, o cavalo e o presidente Castelo Branco que fora seu professor na escola militar e na escola do comando do Estado-Maior.

Ernani Sátiro, ex-governador da Paraíba: O ex-governador da Paraíba, que juntamente com Adauto Lúcio Cardoso, Aliomar Baleeiro, Nestor Duarte, Juraci Magalhães, Prado Kelly e outros formavam a chamada "banda de música da UDN" — os melhores oradores do partido — contou que desde cedo Carlos Lacerda destacou-se como "orador de excepcional talento: meu relacionamento com ele vem desde o tempo em que ele escrevia a coluna da imprensa no "Correio da Manhã."

Em 1945 ele já fazia a campanha do brigadeiro Eduardo Gomes em grandes comícios no Rio, fui, juntamente com ele um dos fundadores da UDN e logo depois em 1946, Carlos Lacerda foi eleito vereador, renunciando em seguida, juntamente com Adauto Lúcio Cardoso porque não concordava com o veto do presidente da República às Câmaras Municipais. Logo a seguir, na primeira eleição para deputado federal, em 1950, ele se elegeu. Em seu primeiro pronunciamento na Câmara, eu ouvi Otávio Mangabeira dizer para José Augusto, ex-governador do Rio Grande do Norte: "Estamos aqui desde 1913 e nunca tivemos um orador como este".

O perdão de Maria Teresa

Dona Maria Teresa Goulart, viúva do ex-presidente João Goulart, declarou que a morte de Carlos Lacerda a entristeceu, "pois com ele perde o País um homem importante".

— A morte é sempre triste — disse, mostrando-se sinceramente sentida e solidária com a família do ex-governador carioca, a qual, aliás, pretende visitar nas próximas horas para manifestar sua solidariedade.

— Sei o que a morte representa em dor, e isso aprendi depois de ficar tanto tempo no exterior e da perda de pessoas às quais estimava — acentuou, salientando não ter razões para queixa de Carlos Lacerda porque, acima das divergências políticas entre seu marido e o ex-governador, havia sempre o respeito humano.

O elogio de Dinarte Mariz

Senador Dinarte Mariz, do Rio Grande do Norte: "Com a morte de Carlos Lacerda desaparece a grande, talvez a maior liderança de sua época. Foi um homem que se aproximou do gênio. Eu o acompanhei de sua mocidade até os entreveros que mais fizeram época durante sua vida, em que ele figurava como homem dos mais destacados e como liderança das mais fortes nas fileiras da UDN. Carlos teve contradições, que ele encarnava: a sua grande vocação para a vida pública.

Sodré lembra a amargura do proscrito

J.B. NATALE DE Paris

O ex-governador Abreu Sodré afirmou, em Paris: "Distante de meu país, minha dor é maior ao saber da morte de Carlos Lacerda. Perco um grande amigo. O Brasil perde um grande filho. Perder um amigo com as qualidades de coragem, patriotismo e talento é chocante, principalmente para quem o admirava como eu sempre o admirei".

"Carlos Lacerda, nesses últimos quarenta anos de vida pública brasileira, nada mais fez do que lutar, lutar incessantemente para que seu país melhorasse e seu povo continuasse a usufruir sempre de liberdade. Uma das últimas vezes que o encontrei, sua fisionomia estava triste e abatida. Perguntei qual a razão. Respondeu-me então: "Não posso fazer nada por meu País. Fui posto fora da lei política."

"É pena perder-se, ainda jovem, alguém que poderia dar muito em favor do Brasil. Nesta distância que me separa o Atlântico, eu e minha esposa sentimos mais a perda de um grande amigo".

Dona Maria do Carmo Sodré chorava ao conversar, por telefone, com o correspondente: "era o padrinho de minha filha". Quanto ao ex-governador paulista, sua voz triste não escondia uma grande amargura.

"Foi um parlamentar brilhante"

Tarcísio Maia, governador do Rio Grande do Norte: "Lacerda foi um dos maiores parlamentares que já passaram pelo Congresso Nacional. Como governador, foi um dos mais brilhantes administradores. Sua inteligência fez com que mudassem os rumos de sua vida dentro da Revolução".

Aluísio Alves, ex-governador do Rio Grande do Norte, à época de Lacerda: "Lacerda perdeu a vida, mas o país perdeu mais, perdeu um grande líder. O traço mais marcante de sua personalidade era a paixão. Ele era apaixonado em tudo, quando fazia justiça e quando cometia injustiças gratuitas, também. É cedo para julgá-lo, para fazer um balanço de suas qualidades e defeitos, mas quando isso acontecer, a juventude vai receber uma lição: a de que só se recolhe alguma coisa de útil, de duradouro, quando se luta com paixão".

Lega-nos um vazio de liderança

Paulo Duarte, professor: "Prefiro não falar sobre Carlos Lacerda pois não me sinto com objetividade para isso. Sempre fui amigo da família Lacerda e, particularmente, de seu pai, Maurício Lacerda. Só posso dizer que Carlos Lacerda foi um grande jornalista e prestou muitos serviços ao País na parte de sua vida política enquanto contestou as ditaduras."

General Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército: "Lamento o desaparecimento de qualquer personalidade. Agora, diante do meu ponto de vista particular, e espiritualmente falando, o homem inicia uma nova vida."

Laudo Natel, ex-governador de São Paulo: "O meu relacionamento com Lacerda foi muito esparso. Lembro-me perfeitamente que tivemos alguns contatos ao tempo em que era vice-governador de São Paulo. Foi um homem inteligente, culto e combativo, que teve uma destacada atuação política, nos últimos anos, no nosso País. Personalidade controvertida, discutida às vezes, mas que, sem dúvida, exerceu um papel marcante. A sua morte, naturalmente, é sentida por todos os brasileiros."

Roberto Cardoso Alves, vereador do MDB e presidente da Câmara Municipal: "Cerceado anteriormente em sua vida de cidadão, Lacerda morre agora, exilado no solo de sua própria Pátria. É mais um líder que se vai, antes que chegue a sonhada distensão. Seu passado de lutas mostra que nos lega um vazio de liderança."

Flavio Bierrenbach, vereador do MDB: "Lamento a morte de um homem inteligente e grande parlamentar.

Por isso; deploro o desaparecimento de Lacerda, num momento tão grave da vida nacional, antes que o País volte a reencontrar o rumo do Estado de Direito."

"Invulgar inteligência e liderança"

Dona Sarah Kubitschek: "Soube da notícia da morte de Lacerda com muito pesar. É uma perda irreparável. Homem de invulgar inteligência e verdadeiro líder, ele e Juscelino foram muito amigos, sobretudo no final. Mas as divergências políticas não entraram na amizade dos dois."

Senador Luis Viana Filho (Arena-BA): "Tendo, durante um largo tempo de minha vida, participado de lutas políticas, das quais Carlos Lacerda foi, sem dúvida, uma figura extraordinária pela inteligência, pela bravura e pelo espírito público, é natural que eu esteja, no momento, profundamente emocionado com sua morte prematura." O senador Luís Viana Filho recusou-se a comentar a cassação de direitos políticos de Lacerda, ocorrida em 1968, alegando que "quando se deu sua cassação eu estava na Bahia e não acompanhei de perto os acontecimentos".

Sobral Pinto, jurista: "Costuma-se dizer, quando um homem da categoria de Carlos Lacerda desaparece, que a perda para o País é irreparável. É uma frase que se diz sempre, muitas vezes de maneira improcedente. Mas, no que diz respeito ao Carlos é realmente verdadeira: uma perda irreparável. Moço ainda, com o talento que a providência lhe deu, com a imensa capacidade de que era dotado, com o patriotismo realmente excepcional que o alimentava, ele poderia fazer ainda muito por este País."

"Seu desaparecimento nesta hora — quando a Pátria está tão amargurada, as instituições democráticas tão abafadas — é, de fato, uma tristeza incomensurável. Os jovens patriotas perderam uma voz vibrante, corajosa, amiga de verdade. Lacerda praticou erros, muitos erros. Mas quem não os pratica? Estes erros tinham no entanto, uma aparição elevada e nobre. Era o desejo de dignificar a vida pública e o País que o levava, às vezes, a praticar injustiças (que ele não sabia serem injustiças). Mas ele tinha também a capacidade de reconhecer seus erros."

"É este homem que hoje desaparece, moço ainda, para tristeza, para amargura, de todos aqueles que são patriotas como ele foi. Patriota que não media sacrifícios para sustentar aquilo que ele supunha ser a verdade. Digo isto não como amigo que fui dele, amigo dileto e seu advogado durante 11 anos, mas como patriota, como alguém que deseja ver esta Pátria tão grande quanto ele desejou."

Negrão de Lima, ex-governador do ex-Estado da Guanabara: "Eu não tenho nada a falar porque eu era inimigo pessoal e político dele. Rompi com ele politicamente. Evidentemente que respeito a memória dele mas nada tenho a falar mais."

Roberto Médici, filho do general Garrastazu Médici: "Fui um admirador incondicional de Lacerda. Ele foi, sem dúvida alguma, um grande líder da minha geração. Não posso, no entanto, fazer qualquer interpretação política de sua figura porque estou aqui representando meu pai e um comentário meu poderia dar margem a uma qualquer má interpretação."

Ex-ministro Prado Kelly: "É tanto mais deplorável esta perda quanto Carlos Lacerda havia atingido nos últimos anos a plena madureza intelectual, com fecunda atividade em vários setores que interessam à vida do espírito. Lacerda excedeu os padrões habituais quer na imprensa, quer na tribuna parlamentar, quer nos comícios públicos. Na última fase de sua vida tornou-se também tão grande escritor quanto fora grande orador."

Senador Gilberto Marinho: "Estou profundamente chocado com o inesperado desaparecimento de Carlos Lacerda, um dos maiores talentos do Brasil em todos os tempos, com inexcedíveis atitudes de liderança e que seria grande em qualquer país do mundo."

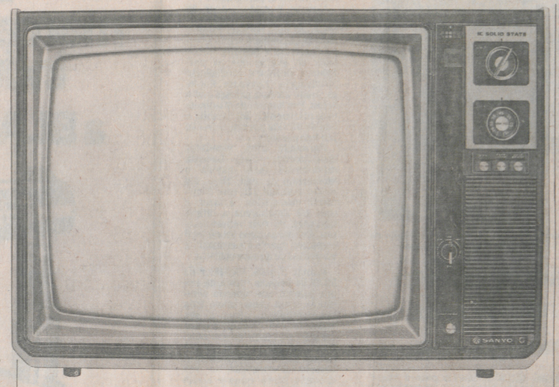
Deputado Flexa Ribeiro, ex-secretário de Educação de Carlos Lacerda: "Não resta dúvida de que o Brasil está perdendo neste momento um de seus melhores filhos, uma singular e extraordinária personalidade política que será dominante na história brasileira deste século. Homem de excepcional talento como orador, escritor, jornalista, intelectual e político. Como político ninguém mais do que ele teve o sentimento e a profunda convicção de que o povo é a fonte de todo o poder e de toda a soberania. Ninguém como ele amou e lutou pela liberdade."

Depois do acordo nuclear, esta é a notícia que está causando mais impacto na Alemanha, EUA, Japão e Brasil.

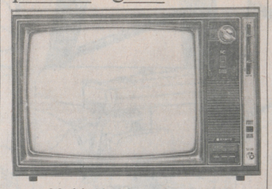
A SANYO está lançando simultaneamente em todos esses países a sua nova linha, com 25% de componentes a menos.

Reduzir componentes numa época em que as grandes potências estão reduzindo armamentos nucleares, reduzindo o consumo de combustível, pode parecer mais uma manobra estratégica no mundo da tecnologia atômica.

Os circuitos integrados, agora com o exclusivo processo "gama"



O Timer é um dispositivo eletrônico que acompanha o modelo 20 Super Luxo: nesse dispositivo você marca, até 2 horas, quanto tempo deseja que o aparelho fique ligado. No prazo determinado, o televisor desliga sozinho.



Modelo 20 c/ Controle Remoto

desenvolvido pela Sanyo, não têm nada de atômico, mas muito de estratégico: representam o que existe de mais avançado em tecnologia de televisores coloridos.

Eles são uma espécie de superfuncionários: englobam várias funções numa só peça.

Agora, com essa última redução de 25% dos componentes, você obtém melhor desempenho,

O Ear-Sound, exclusivo da Sanyo, traz para os seus ouvidos a mesma fidelidade de som que é reproduzida nos seus auto-falantes.

maior durabilidade e menor consumo de energia em qualquer dos 5 televisores da nova linha Sanyo.

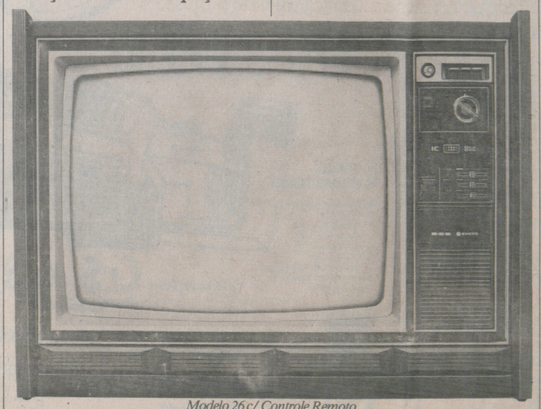
Mas o avanço tecnológico da Sanyo não se limitou à não-proliferação de componentes. Com o sistema alltransistor, ela colabora mais uma vez com aqueles que querem economizar energia: não existem filamentos para serem aquecidos.

Além disso, o sistema alltransistor aumenta a vida útil do televisor.

Com o novo design da sua linha, a Sanyo prova também que a tecnologia pode andar de mãos dadas com a beleza. E com a leveza.

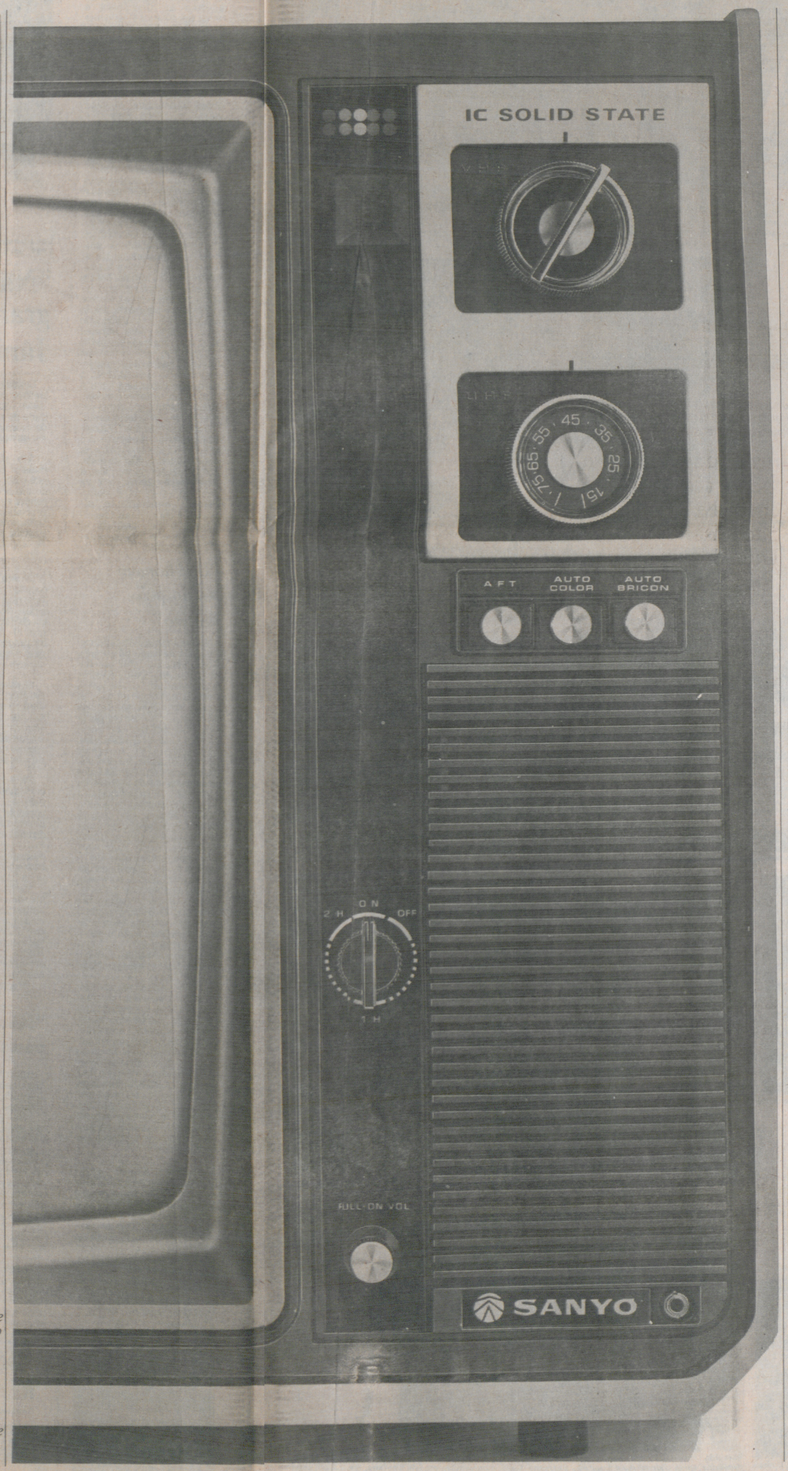
Os novos televisores Sanyo pesam bem menos.

Mas a sofisticação não significa apenas cara bonita.



Modelo 26 c/ Controle Remoto

Além de todas as operações normais de um controle remoto, o Sanyo dispõe de um sistema exclusivo de ondas para evitar interferências do mundo exterior. Pode passar um avião lá fora que não acontece nada no seu televisor.



Por isso, a Sanyo reservou para o fim as novidades que vão virar a cabeça dos telespectadores: o modelo 26 (66 cm) agora também tem controle remoto.

O 20 (48 cm) pode ser encontrado em três versões: modelo luxo, modelo super luxo com fone de ouvido e controle remoto e o revolucionário modelo 20 com Timer, que marca a hora e desliga sozinho. Em todos esses modelos, você obtém uma fidelidade de som tão perfeita quanto a sua fidelidade de imagem. Um sistema de blindagem total protege o seu televisor Sanyo de qualquer interferência do mundo exterior.

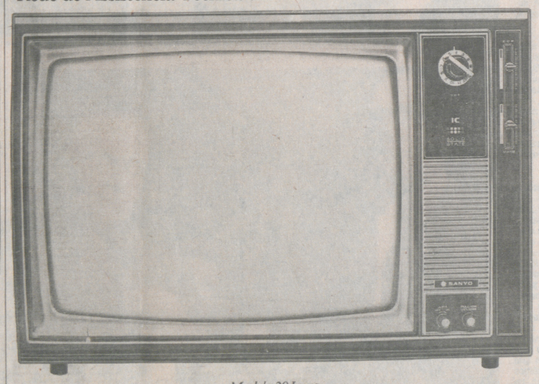
Assim, enquanto os outros brigam por causa do urânio e do plutônio do mundo, você pode ter certeza de uma coisa: a Sanyo não está medindo tecnologia para lhe mostrar todas essas coisas da melhor maneira possível.

Para você ter uma idéia de como os circuitos integrados ficaram ainda mais integrados, basta dizer que na ponta desse dedo existem centenas de componentes — os mesmos que estão na microfotografia abaixo.

Modelo 14 Luxo

SANYO

Fabricado por: Pliacel-Pereira Lopes Ibesa Aparelhos e Componentes Eletrônicos S.A. - Manaus.
Distribuído por: Pereira Lopes-Ibesa Indústria e Comércio S.A.
Rua Corrientes, 130 - S. Paulo.
Rede de Assistência Técnica em todo o Brasil.



Modelo 20 Luxo

A morte de Carlos Lacerda

O polemista supremo de duas gerações

Paulo Francis,
de Nova York

Fui, provavelmente, o jornalista brasileiro que mais atacou o sr. Carlos Lacerda, no período 1961-1964, no jornal "Ultima Hora", do Rio. Chamei-o de tudo, de fascista, de entreguista e o diabo, tratando-o exatamente como ele tratava seus adversários. Nada de pessoal. Pelo contrário, para surpresa e irritação de muitos dos meus aliados políticos, eu não deixava de reconhecer que Carlos Lacerda era um dos mais brilhantes polemistas e intelectuais que o Brasil produziu. Não mudei.

Mais tarde, conheci-o pessoalmente. Jantamos juntos algumas vezes, partilhando a marginalização de civis não capachos no Estado militar brasileiro. Se amanhã, ou, agora — infelizmente, para ele, ontem — o Brasil voltasse à democracia, não tenho dúvidas de que nos veríamos novamente em campos opostos, se bem que acredito que usássemos linguagem mais amena nos inevitáveis choques. Tomamos alguns discretos pileques juntos, em Nova York. Ele era uma companhia encantadora, o que não posso dizer de certos líderes a quem apoiei, e presumo que eu fosse para ele uma companhia tolerável pois parecia divertir-se bastante. Discutia qualquer assunto. Brilhantemente, o que não significa que eu concordasse sempre com o recheio do bolo.

A carreira de Lacerda é contraditória. Houve tempos em que sugeriu a muita gente ser o apóstolo da democracia, outros em que parecia o precursor de ditaduras. Um historiador ou biógrafo honesto terá de pesar e medir escrupulosamente as oscilações de uma carreira tão intensa e variadamente dimensionada. Raro é o intelectual brasileiro que não caiu em contradições ou foi vítima de perplexidades. Ser intelectual no Brasil, país que lembra "black mischief" de Evelyn Waugh, é uma "África".

Eu o admirava, atacando-o, porque ele "falava como a gente". Em suma, não tinha o pernosticismo e a grandiloquência saco de vento, ou o tecnocratês, do político brasileiro típico, emblemático. Sempre houve uma componente de "dor de cotovelo" na raiva da esquerda intelectual contra Lacerda. Não o perdoávamos que, tão bem dotado, não fosse criatura nossa.

Não retiro o que escrevi, mas acrescento que aprendi a estimá-lo como a um amigo, de quem se diverge, não raro profundamente, sem corte na amizade, e sempre o considerei o polemista supremo das duas últimas gerações. Todos nós aprendemos alguma coisa dele, até a contestá-lo nos termos rigorosos que impôs a polêmica na imprensa brasileira. E o amor de Carlos Lacerda à polêmica, invariável, é talvez a prova decisiva que, no fundo, ele nunca tenha sido ditatorial, não importando posições transitórias, porque a polêmica só floresce em plena liberdade.

O verbo e a violência

Ele foi o melhor de todos nós, jornalistas. Arremessou-se na vida política brasileira com uma entrevista que abalou um regime e só saiu da História Pátria com a palavra cassada. Errou e acertou muito, foi quase sempre impiedoso até o nível da intolerância e da crueldade, numa existência terrível, perigosamente paralela aos acontecimentos nacionais, vincada pelo atrito entre sua inteligência e condescendente convívio com os aliados que a política depositou à sua soleira.

Ninguém como o grande reporter Carlos Lacerda conquistou tantos inimigos e atraiu tantos amigos. Os primeiros tinha-os num lance impulsivo, por alguma razão subjetiva, que a fronteira ideológica ou o interesse político viria reafirmar. Os últimos também cultivou — embora rarefeitos, sobretudo depois que a sua estrela foi brutalmente apagada — em homenagem a valores subjetivos, que a aridez desalentadora da sociedade brasileira habitualmente exonera, como dejectos.

Para os jornalistas que perdem o seu tempo e o dos colegas discutindo como deve ser um "lead" ou um "sub-lead" ou a indagar das razões que autorizam um título com o verbo no infinito, a caudalosa produção de Carlos — caudalosa mas não incorreta, que ele sabia escrever e tinha como fazê-lo mesmo se, por vezes, levasse de roldão pessoas, caracteres e reputações — deve parecer um excesso. Excessivo ele sempre o foi, durante toda a sua vida, mas não perdia tempo com a imbecilidade.

Sempre se recusou, como jornalista e reporter, a comentar os fatos à distância. Foi essa postura em relação à sua atividade profissional que lhe determinaria o destino, conduzindo-o de episódio em episódio à condição de líder político nacional. Com o qual muitos de nós divergimos da mesma maneira, impiedosa e frequentemente limitada à análise factual e objetiva de suas atitudes. Político, errou como ninguém, neste país, sobretudo quando, aparentando desconhecer as regras claras do jogo do regime que ajudara a erigir, pretendeu ser candidato à presidência, em 65. Viu, um a um, seus maiores adversários de duas décadas morrer, ser destruídos, ir à ruína ou ao desterro. Mas a alguns amigos — mesmo que dele separados por imensos territórios ideológicos — jamais deixou de prestar, no momento preciso, uma lealdade só decifrada no julgamento último, em que apenas entram em conta os valores humanos. C.A.

Em 1935, iniciando-se na vida política, Lacerda lê, em nome dos jovens, um manifesto da Aliança Nacional Libertadora.

José Américo de Almeida concedeu a Lacerda, em 1945, a entrevista que pôs abaixo a censura à imprensa, exercida pelo Estado Novo.

A 5 de agosto de 1954, um atentado contra sua vida. Um tiro no pé e a morte do major Vaz. Foi a gota dágua para desencadear a queda do governo e o suicídio de Vargas.

Ao lado do deputado Adaucto Lúcio Cardoso, em março de 1954, depõe no inquérito sobre a agressão que sofreu de Euclides Aranha e do ten. cel. Clóvis Costa.

No microfone da Câmara Federal, onde era o mais temido orador oposicionista, em 1954, denunciando o "mar de lama" da administração Vargas.

Com Jânio Quadros, a quem apoiaria como candidato a presidente da República e em seguida, logo após a posse, romperia e atacaria com violência.

No Palácio Guanabara, o então governador recebe a visita do general Castelo Branco, pouco antes do movimento revolucionário de 64.

A conspiração revolucionária aproximou Lacerda de um de seus mais combatidos adversários, Ademar de Barros, a partir de julho de 1963.

Na tarde de 1.º de abril de 1964, a certeza do êxito das operações militares o levaram às ruas do Rio, cercado de assessores e militares.

Ao completar três meses do primeiro governo revolucionário, Castelo Branco recebe Lacerda. As relações entre ambos eram boas, até ali.

Rompido com o governo revolucionário, Lacerda passa a articular a Frente Ampla que reuniu ex-adversários, como o jornalista e deputado Hermano Alves, num comício em São Caetano, em 25 de março de 1968. Aproximava-se sua cassação.

Mais um heliporto no Centro da Barra
600 técnicos e operários acabam de entregar mais um heliporto, a 100 metros de altura, no topo da Torre Ernest Hemingway. Essa é a segunda cumeeira (a terceira já vem por aí) nas Torres do Centro da Barra. É a concretização do espírito de Niemeyer, que possibilita uma vida saudável em Torres circulares, com perfeita aeração. De frente para o mar. Em contato direto com a natureza.
Grupo Desenvolvimento
O maior patrimônio imobiliario do Brasil pago, registrado e avaliado pela Bolsa de Imóveis do Rio de Janeiro.
RIO DE JANEIRO

I.P.H. - CURSOS HOSPITALARES
Novo Endereço
- PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO DE LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS
de 23 à 27 de maio de 1977.
INTENSIVO DE ADMINISTRAÇÃO DO SERVIÇO DE ENFERMAGEM
de 23 à 27 de maio de 1977.
INSTRUMENTAÇÃO CIRÚRGICA
Início: 13 de junho de 1977.
HOSPITAL DENTRO DO SISTEMA NACIONAL DE SAÚDE
de 13 à 17 de junho de 1977.
Inscrições Abertas
IPH - Av. Higienópolis, 983 (Colégio Sion) - das 8,30 às 22 horas, ou pelo telefone 66.8400 após às 14 horas.

Falcão desmente ida ao Congresso

BRASÍLIA (Sucursal) — O Ministério da Justiça emitiu, ontem, uma nota oficial desmentindo que o ministro Armando Falcão tenha feito qualquer comentário a respeito de sua possível ida ao Congresso, para prestar informações sobre a Comissão Geral de Investigações, de acordo com o requerimento feito nesse sentido pelo deputado Joaquim Bevilacqua, do MDB paulista. Segundo informações colhidas na sexta-feira, através de um assessor direto do ministro da Justiça, este teria achado "uma ótima idéia" o seu comparecimento à Câmara, desde que a sua presença ali obtivesse a mairia dos votos.

A nota, divulgada pelo assessor de imprensa daquele Ministério, Haroldo Holanda, é na íntegra a seguinte: "Divulgou-se a notícia de que assessores do ministro da Justiça lhe teriam atribuído a intenção de prestar informações sobre a Comissão Geral de Investigações perante o plenário da Câmara dos Deputados. A Assessoria de Imprensa do Ministério da Justiça esclarece que o sr. Armando Falcão não autorizou nem formulou nenhuma manifestação a esse respeito".

AVISO

Arapuã não quer que você jogue dinheiro fora. Aproveite estas ofertas:

OFERTAS VÁLIDAS PARA AS 90 LOJAS DE TODO O BRASIL

Refrigerador GE 3012
330 litros de capacidade. Porta totalmente aproveitável, com porta-ovos, cesta para frutas e local para garrafas gigantes. Gavetas para carnes e legumes. Amplo congelador horizontal. Nas cores: branco, azul, vermelho e amarelo.
À vista
3.770, ou 229, mensais iguais.

Ferro Automático GE
À vista
209, ou 14, mensais iguais.

TUDO EM ATÉ 36 MESES SEM ENTRADA.

GENERAL ELECTRIC Arapuã
90 lojas pelo Brasil.

SÃO PAULO: BELÉM, BRÁS, BOSQUE DA SAÚDE, CENTRO (2 LOJAS), IPIRANGA, LAPA, LIBERDADE, MOÓCA, PENHA (2 LOJAS), PINHEIROS, SÃO MIGUEL, SANTANA, SANTO AMARO (2 LOJAS), TATUAPÉ, TUCURUVI, VILA LEOPOLDINA, VILA PRUDENTE.
STO. ANDRÉ - S. BERNARDO DO CAMPO - S. CAETANO - DIADEMA - MAUÁ - GUARULHOS - MOGI DAS CRUZES - JUNDIAÍ - OSASCO

LA - 05 - 3094

Jornal dos Jornais

Alberto Dines

A Morte de Um Jornalista Condenado ao Silêncio

As novas gerações de jornalistas e o público leitor, por falta de opções, foram levados a idolatrar as vedetes que pontificam nos bares e os ídolos que doutrinam nas páginas editadas pelos amigos. Desconhecem geralmente os verdadeiros revolucionários da imprensa brasileira esquecendo-se de mestres como Lacerda, Wainer, Pompeu de Souza, Odylo Costa Filho, Claudio Abramo, que traçaram com o seu desempenho profissional o caminho do jornalismo brasileiro contemporâneo.

Carlos Lacerda vem hoje a esta coluna de forma triste. Em outras ocasiões ele foi aqui mencionado em função das suas raras, fugazes e sempre brilhantes aparições em letra de forma, castigado que estava pela Revolução a ficar marginalizado do processo jornalístico e político, suas duas grandes paixões, que ele, com a intensidade que o caracterizou, fundiu numa só.

É preciso lembrar que foi o repórter político Carlos Lacerda nas páginas do falecido "Correio da Manhã" que fez a famosa entrevista em fevereiro de 45 com José Américo de Almeida, rompendo o cerco da censura do DIP com e isto liquidando o férreo controle sobre os jornais implantados pela ditadura de Vargas.

A sua "Tribuna da Imprensa", fundada em 1950 foi, junto com o "Diário Carioca" e "Ultima Hora" os jornais que modernizaram a imprensa brasileira até então funcionando nos padrões do princípio do século. O famoso "Livro de Estilo" da TI redigido pelo próprio Carlos é um texto clássico de jornalismo. A "Tribuna" não foi apenas um jornal de arrazadoras cruzadas e de jornalismo investigativo. Foi sempre um veículo voltado às coisas da cultura e da cidade. O suplemento "Nossa Cidade" marcou época. Na escola e no fogo da "Tribuna" formaram-se profissionais do maior gabarito que por sua vez irradiaram sua experiência para outras publicações. Carlos Castello Branco, hoje o mais importante colunista político, Nilson Viana (hoje na TV-Globo), Hermano Alves (hoje correspondente de "O Estado", na Inglaterra), Carlos Lemos (hoje superintendente da Rádio Jornal do Brasil e um dos responsáveis pelo sucesso do "Jornal do Brasil") Luiz Lobo (hoje na TV-Educativa do Rio e escrevendo nas melhores publicações do país), Hilcar Leite (hoje chefe de circulação de "O Dia", Rio), Zuenir Ventura (hoje na "Veja"), Itamar de Freitas (produtor do "Fantástico") e Carlos Leonam (hoje fazendo a coluna "Carlos Swan" em "O Globo") — estes são apenas alguns dos nomes de um vasto plantel que passaram pelo estraçalhante e estimulante convívio profissional com Lacerda.

Nesta ocasião, não se pode apenas lembrar as esplendidas qualidades jornalísticas de Lacerda. É preciso registrar também o lado triste daquela vitalidade — a triste campanha contra Samuel Wainer e sua não menos inovadora "Ultima Hora". Eram amigos e companheiros. A política separou-os, mas foi o zelo profissional levado ao extremo que levou Carlos a assestar implacavelmente contra Wainer as baterias da sua inteligência, cultura e emoções. O efeito foi arrazador: UH, a partir daquele momento foi mortalmente atingida e Wainer — outro a quem as novas gerações e o grande público de hoje ainda não souberam fazer justiça — pessoalmente afetado. A dupla Wainer-Lacerda que Chateaubriand reunira em "O Jornal" nos anos quarenta transformou a face do jornalismo brasileiro. O feudo entre eles, de arrazadoras consequências, deve servir de lição a todos aqueles que não admitem a existência de outros brilhos. O firmamento é amplo, há espaço para todas as estrelas. O sucesso de um necessariamente não precisa estar montado na destruição de outros. Talento na competição não deve servir de ameaça mas de estímulo.

Como político, Lacerda foi o primeiro a descobrir a força da TV no Brasil. Suas aparições na Rede Tupi, levadas nacionalmente, duravam horas e deixavam a Nação inteira até a madrugada presa ao vídeo. A TV surgiu a partir daí como veículo. Foram estas maratonas oratórias que levaram o governo JK, através do Ministro da Justiça Armando Falcão a tentar cassar Lacerda da TV.

Foi o último dos panfletários brasileiros, com ele talvez tenha se encerrado uma época e um estilo. Se realmente foi o fecho desta escola talvez tenha sido o mais brilhante e bem sucedido de todos. Uma cultura universal e uma inteligência extraordinária tornavam suas tiradas clássicas. Escrevia como falava, era irresponsável. Seus originais, revisados tres ou quatro vezes, eram indecifráveis na sua ansia perfeccionista de linguagem e arrazoado. Seu folego herculeo não admitia sinteses. Só nos últimos anos depois de afastado da politica pela Revolução e antes mesmo da cassação de 68 começou a praticar a reportagem e o ensasio jornalístico. Todos temiam o destruidor de presidentes. Então, a mordacidade foi substituida pelo empenho intelectual, escrevendo sobre tudo: rosas, literatura, política internacional, educação, urbanismo, artes, livros e pessoas.

A morte é uma etapa da vida, inevitável e irrecorrivel. Mas o desaparecimento de um brilhante jornalista como Lacerda que nos últimos dez anos viveu a mais horrível das prisões — o silêncio — além da melancolia traz o travo da revolta.

Infeliz o país onde as inteligências estão condenadas a murchar, pobre da Nação erigida em torno do medo da palavra, lamentavel a sociedade que tem horror à liberdade de espírito que Carlos Frederico Werneck de Lacerda, com a sua extraordinária intensidade pessoal tão bem representou.

Dinossauros autofágicos

Demissões nas redações de "O Estado de S. Paulo" e "Jornal da Tarde". Varredura ensandecida em várias publicações da Bloch. O último balanço do "Jornal do Brasil", publicado há um mês, segundo especialistas, deixa entrever situação delicada no tradicional matutino carioca.

Curiosamente estas três grandes empresas agora atravessando momentos tormentosos cometeram o mesmo pecado: fascinaram-se pelo espírito faraônico, construíram sedes suntuosas, enganaram-se no conceito do que é infra-estrutura.

O mercado profissional de jornalismo está enfiado numa crise sem precedentes, mas as faculdades de Comunicação vomitam por ano pelo menos 500 diplomados que se acotovelam nas redações à espera de oportunidades por qualquer salário. Enquanto o Governo usa todos os recursos para dominar a imprensa não censurada, esta só pode recorrer às fontes de crédito no Exterior. Hoje, pelo menos três grandes empresas jornalísticas nacionais estão pagando juros em dólares a bancos internacionais, num montante tal que daria perfeitamente para duplicarem suas redações.

Como se não bastassem os ingredientes acima descritos, tudo isto está ocorrendo num momento em que a economia brasileira se desacelera. Sendo o empresário industrial brasileiro novato, sem experiência nem vivência de crises, sua primeira reação é mandar cortar a verba de publicidade, aparentemente supérflua, o que diminui mais ainda suas vendas e movimento financeiro. Com a receita de publicidade assim diminuída, com a correção de algumas distorções clássicas da economia (ex: especulação imobiliária), com a sadia disposição governamental de diminuir ao máximo a publicidade oficial, entraram grandes empresas jornalísticas em autêntico parafuso.

E toda vez que um empresário de jornal sem espírito de jornalista entra no vermelho, instintivamente manda degolar um contingente de cabeças na redação. Comete assim o mesmo erro da empresa industrial que na recessão corta a despesa de publicidade, isto é, decepa justamente o setor que pode aumentar suas vendas. Jornal não é como fábrica de biscoitos ou de automóveis — quando cai o faturamento demite operários para baixar a produção. Para se vender dez mil ou cem mil exemplares de uma publicação, a quantidade de pessoas na confecção do produto é idêntica. A empresa jornalística produz apenas um exemplar-matriz. O resto é reprodução. Cortar na redação significa sempre cortar em qualidade. Pode-se diminuir consideravelmente o quadro de funcionários dos serviços administrativos de um jornal ou revista sem que sua qualidade e sua tiragem sejam afetados. Não são eles que fazem qualidade, não são eles que constroem circulação.

Mas acontece que a grande empresa jornalística brasileira começou a ser dominada pela mesma praga que insidiosamente atrofiou parte da economia brasileira: o tecnocrata. Ora, um tecnocrata, justamente porque é um tecnocrata, não vai raciocinar como um empresário-jornalista. Quando tiver que cortar despesas, será "equânime" e "racional", distribuindo as quotas de degola por todos os setores da organização. Como é "administrador", poupará o pessoal de administração ou pelo menos não será excessivamente rigoroso com ele.

Este é um dos erros fundamentais da moderna empresa jornalística brasileira. Deixou de ser jornalística, é empresa. Foi esquecido que o negócio da comunicação tem características especiais. É um negócio, sem dúvida, mas num ramo que exige não apenas competência mas disposição e espírito totalmente diferente. Assim como a política, a administração pública, o "show-business", o jornalismo não pode ser praticado por pessoal apenas habilitado ou treinado. Nestes campos requer-se o que os alemães chamam de "geist" (alma). Sem uma postura adaptada às características especialíssimas do negócio jornalístico, não se pode ser bem sucedido nele por muito tempo.

Veja-se o que está ocorrendo no "The New York Times". Também o gigante do jornalismo mundial atravessa fase difícil. Mas qual foi a solução encontrada pelo matutino nova-iorquino? Partiu para um aumento de tiragem redesenha do não apenas a aparência do veículo mas sobretudo o estilo, colocação e orientação de várias de suas atrações. Mexeu-se na equipe drasticamente mas ninguém foi levado ao "paredão". Os profissionais mais pesados e menos criativos foram colocados em posições onde suas qualificações seriam mais produtivas ou menos prejudiciais. Para o comando da operação jornalística cotidiana puxaram "homens-fagulhas" (expressão usada por um alto funcionário do jornal), capazes de dinamizar e qualificar ao máximo o jornal.

Pode ser que no caso brasileiro a solução não seja aumentar tiragens. Como há uma retração no mercado publicitário das grandes marcas, por razões alheias aos próprios jornais um aumento de circulação sem o respectivo crescimento de audiência poderia ser mais desastroso. Não seria o caso de lançar novos produtos ou tentar alcançar novos mercados? A economia de um país é um processo dinâmico: quando as fábricas de automóveis não vendem, as oficinas de conserto em compensação ficam abarrotadas de serviço.

Se caiu um tipo de receita, procurem-se outros. Se a conjuntura se transforma antecipem-se os jornais a ela, para isto a empresa é jornalística, pressupondo-se portanto uma capacidade de percepção muito particular.

Prédio e equipamento impressor não fazem qualidade de jornal. Ajudam apenas. Os grandes jornais e revistas franceses alugavam oficinas e com isto não precisavam empatar somas enormes em máquinas que ficam imobilizadas grande parte do dia. A Editora Três descobriu este ovo-de-colombo e da noite para o dia, comprando o serviço de terceiros, abocanhou fatia considerável do mercado de revistas.

Jornal (revista, televisão e rádio) é talento. Quem se esqueceu disto pagou um preço muito alto. E quem insistir no erro pagará mais ainda. O problema dos dinossauros não era o porte gigantesco mas a diminuta proporção da cabeça. (JJ, 5/10/75). De onde se conclui: autofagia não é solução.